

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO
CURSO DE TURISMO

ALINE SANTOS NOBRE

UM ESTUDO DA POTENCIALIDADE TURÍSTICA DO MIRANTE DAS LAJES

MANAUS - AM

2019

ALINE SANTOS NOBRE

UM ESTUDO DA POTENCIALIDADE TURÍSTICA DO MIRANTE DAS LAJES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para integralização do Curso de Turismo da Escola Superior de Artes e Turismo da Universidade do Estado do Amazonas – UEA.

Orientador (a): Prof^a. MSc. Karla Cristina Ribeiro Maia

MANAUS-AM

2019

Ficha catalográfica

N754e

Nobre, Aline Santos

Um estudo da potencialidade turística do Mirante das Lajes / Aline Santos Nobre; orientadora Karla Cristina Ribeiro Maia. - - Manaus: [s.n.], 2019.

78 p.: il.; 1 CD-Rom.

Inclui referências bibliográficas.

Trabalho de conclusão de curso em Turismo. Universidade do Estado do Amazonas – Escola Superior de Artes e Turismo.

1. Turismo - paisagem 2. Potencialidade turística 3. Mirante das Lajes I. Título. II. Maia, Karla Cristina Ribeiro.

CDU(1997) 338.48

ALINE SANTOS NOBRE

UM ESTUDO DA POTENCIALIDADE TURÍSTICA DO MIRANTE DAS LAJES

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequadamente para obtenção do Grau de Bacharel em Turismo da Escola Superior de Artes e Turismo da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e aprovado, em sua forma final, pela Comissão Examinadora.

Nota Final = _____

Banca Examinadora:

Profa. Ma. Karla Cristina Ribeiro Maia

Profa. Dra. Maria Adriana Sena Bezerra Teixeira

Prof. Me. José Carlos Lima

Profa. Ma. Helen Rita Menezes Coutinho

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Jesus Cristo por iluminar o meu caminho e colocar pessoas incríveis em minha vida. A todos os professores desta Universidade que contribuíram para minha formação profissional.

Aos meus pais Ariomar e Nilza que sempre lutaram e se sacrificaram por mim. À minha irmã Ayene, por me incentivar e apoiar em todo esse processo e a minha irmã Alice. A minha sobrinha Bianca por alegrar os meus dias.

As minhas amigas Ana Paula Souza, pelo carinho e apoio, Carla Aires pela contribuição fundamental nesta pesquisa, e especialmente a Cristiane Almeida por estar comigo em todos os momentos. Aos amigos Alberto Grana, Alice Sicsu e Wayne Roque pelo incentivo à conclusão do curso e pelos momentos de descontração.

Aos programas e projetos desta universidade que me deram a oportunidade de aprender para além da sala de aula: Projeto de Extensão Universitária, a Monitoria, o Projeto de Iniciação Científica (PAIC) e o Projeto de Produtividade Acadêmica.

A professora Msc. Claudia Araújo de Meneses Gonçalves Martins por me incentivar a participar do Projeto de Extensão Universitária que foi a minha primeira experiência científica na academia.

À minha incrível orientadora professora Msc. Karla Cristina Ribeiro Maia que com muita dedicação, carinho e paciência, me apoiou, me ajudou e incentivou, me acolhendo com o grande amor que há em seu coração. Agradeço por ter me dado à oportunidade de participar do PAIC, do projeto de produtividade acadêmica, pelos aprendizados adquiridos na monitoria, e principalmente por ter acreditado em mim em momentos muito difíceis. Agradeço por contribuir não só para minha formação profissional, mas principalmente para a minha formação humana. Sou eternamente grata por tudo que fez por mim.

A minha co-orientadora profa. Dra. Maria Adriana Sena Bezerra Teixeira pelo apoio, carinho, sugestões e acompanhamento neste estudo. A todos que de alguma forma contribuíram com esta pesquisa.

“A paisagem é uma sinfonia que nos entra pelos olhos.”

Adriano Jorge

RESUMO

Considerando os aspectos paisagísticos que circundam o mirante das lajes, buscou investigar a potencialidade turística do mirante, tendo em vista seu aproveitamento turístico. Os objetivos específicos consistiram em descrever o ambiente natural e cultural do entorno do objeto em estudo e estudar o grau de potencialidade turística. A pesquisa teve abordagem quali-quantitativa com uso de técnicas da pesquisa bibliográfica, documental e de campo em que se observou, aplicaram-se questionários e realizaram-se entrevistas. A partir dessa investigação constatou-se que a paisagem circundante do Mirante das Lajes apresenta características importantes para uso turístico e especialmente para a valorização da cultura e história local. Quanto ao potencial de atratividade pode ser considerado alto, mas ainda se configura como um recurso turístico, podendo se tornar um atrativo efetivo a partir de investimentos em infraestrutura básica e turística.

Palavras-Chave: Turismo. Paisagem. Potencialidade Turística e Mirante das Lajes.

ABSTRACT

Considering the landscape aspects that surround the Lajes Belvedere, this work sought to investigate the Belvedere's touristic potential, in view of its touristic use. The specific objectives were to describe the natural and cultural environment of the object under study and to study the degree of tourism potential. The research had a qualitative-quantitative approach with the use of bibliographic, documentary and field research techniques in which there was observation, questionnaires application and interviews were carried out. From this investigation it was verified that the surrounding landscape of the Lajes Belvedere presents important characteristics for touristic use and especially for the valorization of the local culture and history. As for the attractiveness potential, it can be considered high, but it is still a tourist resource, and can become an effective attraction with investments in basic infrastructure and tourism.

Keywords: Tourism. Landscape. Tourist Potential and Lajes Viewpoint.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Cataratas do Iguaçu.....	19
Figura 2 - Parque Grand Canyon - Skywalk	32
Figura 3 - Torre Eiffel em Paris.....	33
Figura 4 - Mirante da Vista Chinesa	34
Figura 5 - Museu de Arte Contemporânea de Niterói	35
Figura 6 - Torre de Observação do MUSA	37
Figura 7 - Projeto Memorial Encontro das Águas	38
Figura 8 - Vista Panorâmica do Mirante das Lajes	47
Figura 9 - Embarcação de pequeno porte comercializando frutas	48
Figura 10 - Encontro das Águas em Manaus.....	49
Figura 11 - Paisagem vista a partir do Mirante das Lajes	50
Figura 12 - Jaraqui, prato típico da cidade	51
Figura 13 - Urna Funerária Indígena retirada do Sítio Lajes e Gravuras rupestres encontradas no sítio Ponta das Lajes	52
Figura 14 - Moeda Social do Bairro Colônia Antônio Aleixo.....	62
Figura 15 - Torre da Embratel	63
Figura 16 - Infraestrutura do Mirante das Lajes	64
Figura 17 - Piso da estrutura do Mirante das Lajes	64
Figura 18 - Escadaria de Acesso à praia.....	65
Figura 19 - Ponto de Ônibus mais próximo do Mirante das Lajes.....	66
Figura 20 - Vias de Acesso - Av. Cosme Ferreira e Estrada do Aleixo respectivamente.....	67
Figura 21 - Avenida Desembargador Anísio Jobim - Trecho 1	68
Figura 22 - Terminal Ajato em Manaus.....	68

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Desenvolvimento do potencial de um atrativo turístico	42
Quadro 2 - Critérios para hierarquização de atrativos	43
Quadro 3 - Hierarquização final do Mirante das Lajes	69

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 O TURISMO E SUAS IMPLICAÇÕES.....	15
2.1 DISCUTINDO O TURISMO.....	15
2.2 ENTENDENDO O ATRATIVO TURÍSTICO.....	17
2.2.1 O desenvolvimento do atrativo turístico.....	21
3 PAISAGEM: ENTRE O REAL E A SUBJETIVIDADE HUMANA.....	25
3.1 A PAISAGEM E SUA RELAÇÃO COM O TURISMO.....	28
3.2 OS MIRANTES E SUA ATRATIVIDADE TURÍSTICA.....	30
4 METODOLOGIA.....	39
5 RESULTADOS CONFORME OS OBJETIVOS PROPOSTOS.....	46
5.1 CARACTERIZAÇÃO SOBRE O AMBIENTE NATURAL E CULTURAL EM QUE ESTÁ INSERIDO O MIRANTE.....	46
5.2 ESTUDO SOBRE O POTENCIAL DE ATRATIVIDADE DO MIRANTE DAS LAJES.....	54
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
REFERÊNCIAS.....	74

1 INTRODUÇÃO

O turismo é um fenômeno dinâmico que envolve relações de ordem econômica, social e cultural. Na atualidade, vem adquirindo grandes proporções em virtude de sua capacidade de gerar riqueza econômica e propiciar o desenvolvimento dos lugares onde ocorre. As mudanças tecnológicas, e as facilidades de deslocamento tornaram as viagens turísticas cada vez mais possíveis. Entretanto, as motivações antes totalmente voltadas para usufruto de destinações praianas, deslocam-se para a busca de regiões que apresentem características peculiares e que permitam um contato mais real com as culturas.

A cidade de Manaus possui significativa potencialidade para o desenvolvimento do turismo, tendo em vista as tendências contrárias ao turismo massificado. A riqueza natural, cultural e histórica expressa nos edifícios e monumentos históricos, na culinária, nos elementos naturais e até mesmo no modo de falar, atraem turistas que buscam aproximação com a natureza e vivenciar modos de vida diferentes.

O Mirante das Lajes, objeto de investigação da pesquisa, está situado no bairro Colônia Antônio Aleixo e dispõe de uma vista privilegiada para o “Encontro das Águas”, fenômeno natural formado pela confluência dos rios Negro (de águas escuras) e Solimões, (de águas barrentas) que representa um dos maiores atrativos turísticos da cidade, em virtude de sua beleza paisagística.

O encontro dos rios tem ainda uma forte representatividade histórica, marcada pelos artefatos arqueológicos encontrados em seu entorno (vasos cerâmicos e urnas funerárias, por exemplo) que apontam para as ocupações de povos nativos, e pelos relatos de viajantes europeus que se depararam com o impressionante fenômeno.

A importância cultural se desvenda nos mitos indígenas que contam de forma singular a origem do fenômeno. A beleza cênica do “Encontro das Águas” e o significativo valor arqueológico de seu entorno, resultaram no tombamento realizado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN/AM), em 2010.

Diante do cenário apresentado, surgiu a seguinte problemática: considerando as características paisagísticas circundantes do Mirante das Lajes, esse lugar pode ser considerado um potencial atrativo turístico local?

De acordo com Medeiros (2009) o objetivo da pesquisa corresponde à etapa que indica e caracteriza o que o pesquisador pretende alcançar com sua investigação. Perante esse esclarecimento estabeleceu-se como objetivo geral da pesquisa: investigar a potencialidade turística do Mirante das Lajes seguindo a metodologia de hierarquização de atrativos turísticos do Ministério do Turismo (Brasil, 2007), tendo em vista seu aproveitamento turístico.

Visando alcançar esse objetivo maior, foram delineados os seguintes objetivos específicos: caracterizar o ambiente natural e cultural em que está inserido o Mirante e estudar o potencial de atratividade do Mirante das Lajes.

A motivação para o estudo surgiu da necessidade de investigar a potencialidade turística do Mirante das Lajes, em razão da possibilidade de visualizar o “Encontro das Águas”, fenômeno natural de relevância paisagística, histórica e Cultural. Embora as características intrínsecas do mirante possam ser consideradas importantes, quando se trata de potencialidade turística, outros aspectos também devem ser observados, como por exemplo, o acesso e infraestrutura.

Diante do exposto, a pesquisa é relevante para a sociedade, porque apresenta aspectos arqueológicos do lugar que apontam para a ocupação de povos nativos, como também através de uma análise da infraestrutura, permite identificar pontos que necessitam de melhorias e investimentos, podendo resultar em benefícios para a população local que poderá usufruir do espaço.

Academicamente, considera-se a significância desse estudo, pois aborda o turismo no contexto do planejamento, fornecendo subsídios para futuras pesquisas relacionadas a esta temática. Já para o turismo local, se apresenta o mirante como uma possibilidade alternativa de conhecer o “Encontro das Águas”, já que a forma mais comum é por via fluvial, utilizando barcos e lanchas que fazem o deslocamento. A metodologia compreendeu a pesquisa bibliográfica, de campo e documental.

O trabalho está dividido em cinco capítulos como se expõe a seguir: o primeiro capítulo aborda sobre a problemática de pesquisa, justificativa, objetivos e outros. O segundo capítulo corresponde a uma abordagem teórica sobre as implicações do turismo, o entendimento sobre o atrativo turístico e seu desenvolvimento. O terceiro capítulo trata a respeito do conceito de paisagem e sua relação com o turismo, dando ênfase a importância da valorização das paisagens em virtude do seu caráter cultural. No quarto capítulo enfatiza a respeito da metodologia, tais como a forma de abordagem; objetivos metodológicos; amostra; técnicas de coleta de dados e outros, e o quinto capítulo se trata dos resultados, em que se transformou cada objetivo específico em tópico e se respondeu de acordo com a coleta de dados.

2 O TURISMO E SUAS IMPLICAÇÕES

O turismo pode ser descrito como uma atividade que utiliza os recursos dos lugares para se promover, nesse sentido, os atrativos turísticos desempenham um papel importante, na medida em que despertam a curiosidade das pessoas, estimulando as viagens, por isso é importante que o desenvolvimento turístico seja orientado por medidas responsáveis, capazes de satisfazer os anseios dos turistas, propiciar benefícios à comunidade anfitriã e conservar os atrativos para usufruto das gerações futuras, pois ao mesmo tempo em que produz impactos positivos, pode causar prejuízos irreparáveis caso ocorra sem organização e estrutura adequada.

2.1 DISCUTINDO O TURISMO

No contexto das viagens, o turismo tem apresentado um crescimento significativo, e tem sido visto como alternativa para dinamizar a economia e proporcionar o bem-estar da população local, porém é preciso considerar que se trata de um fenômeno social complexo que não se limita ao fator econômico, mas envolve relações sociais, culturais e ambientais que geram impactos nem sempre positivos.

Diante das transformações que a atividade turística pode causar, Cruz (2003, p.5) explica que o turismo “[...] é antes de mais nada, uma prática social, que envolve o deslocamento de pessoas pelo território e que tem no espaço geográfico seu principal objeto de consumo”. Coriolano (2006, p.40) colabora para esse entendimento e esclarece que na verdade, “o turismo é uma abstração e o que existe são os lugares e o que possuem transformados em atrativos naturais e culturais para serem usufruídos por residentes e visitantes”.

Conforme as abordagens feitas pelas autoras, é possível perceber que o turismo tem uma relação estreita com o espaço, pois nele estão contidos os elementos que são oferecidos ao turista em termos de vivência do lugar, ou seja, cada localidade apresenta características próprias, as quais o turismo se apropria e transforma atribuindo-lhes significado diferente. Assim, quaisquer especificidades dos lugares como a natureza, monumentos históricos e até mesmo a própria cultura

podem ser transformados em atrativos que serão consumidos e desfrutados no destino, pelos visitantes.

Mas, o turismo não apenas se apropria dos recursos dos destinos, como também interfere no ambiente a fim de produzir espaços para usufruto turístico, pois como explicam Cooper et.al. (2001) os atrativos turísticos podem ser artificialmente criados especificamente para a prática do lazer, como os *resorts* e parques temáticos que apresentam grandes estruturas de entretenimento. Cruz (2003) ao citar Knafou denomina esses empreendimentos como “turismo sem território”, pois entende que são lugares desconectados do seu entorno, simulacros produzidos apenas para atender a demanda por consumo.

Dessa maneira, para facilitar e viabilizar a experiência turística os destinos recebem adaptações e melhorias, como também surge um conjunto de atividades e serviços turísticos que movimentam a economia local, o que pode ser positivo, na medida em que são criados postos de trabalho e os residentes podem se beneficiar da infraestrutura criada.

Por outro lado, as transformações dos elementos dos espaços em atrativos, as interferências para viabilizar o seu uso turístico, e a instalação de empreendimentos de serviços turísticos, como hotéis, agências de viagens, restaurantes e outros, também podem ser negativas quando não são observados os impactos nos recursos ambientais, os interesses dos anfitriões são negligenciados, e as características locais alteradas consideravelmente.

O turismo pode ser um instrumento para a valorização cultural e melhoria da qualidade de vida dos moradores dos destinos turísticos, desde que as ações e medidas adotadas para o seu desenvolvimento sejam orientadas para este fim. Nesse sentido é interessante mencionar Cruz (2006) que questiona para quem o desenvolvimento do turismo é realmente direcionado. A autora relata que muitos lugares viram seus territórios serem tomados pela atividade turística, sem que necessariamente tenham adquirido melhores condições de vida e de renda.

Magalhães (2002) por sua vez, destaca a cidade de Porto Seguro como exemplo de uma prática turística negativa. Segundo a autora, a cidade antes conhecida pela tranquilidade e limpeza de suas praias, como também por sua autenticidade como vila pescadora, se tornou um lugar marcado pela exploração turística que transformou os moradores locais em trabalhadores para o turismo e

causou impactos significativos sobre a cultura da população local e aos seus recursos ambientais.

Como se observa, o turismo gera efeitos que nem sempre são positivos na medida em que consome ou produz espaços para se promover, por isso é importante que as destinações busquem alternativas para promoção de práticas turísticas sustentáveis. Dentro dessa perspectiva, o planejamento se apresenta como ferramenta indispensável para desenvolver o turismo de forma equilibrada, a fim de evitar os possíveis prejuízos ao ambiente e proporcionar benefícios locais.

Para Barreto (2005), planejar o turismo significa planejar para todos os envolvidos no fenômeno, os turistas, aqueles que o comercializam e os moradores locais, ou seja, deve atender harmoniosamente os interesses dos protagonistas do turismo que por sua vez, necessitam fazer parte de todo o processo.

Diante do que foi exposto, se nota que o turismo pode contribuir significativamente para as localidades que optem pelo seu desenvolvimento, desde que contemple o interesse dos atores locais, propicie formas de utilização responsável dos recursos naturais e culturais, tendo como base a busca pela sustentabilidade e não somente o lucro. Entende-se que essa conciliação não é tarefa fácil, mas é extremamente necessária, porque de forma diferente o turismo deixa de ser um colaborador para o desenvolvimento e se torna um fator de exclusão e degradação.

2.2 ENTENDENDO O ATRATIVO TURÍSTICO

Os atrativos turísticos podem ser considerados peças fundamentais que energizam a atividade turística, pois compreendem todos aqueles elementos que levam as pessoas a viajarem. Boullón (2002) é bastante enfático a esse respeito e declara que os atrativos são a “matéria prima” da atividade, sem a qual não seria possível o desenvolvimento do turismo. Cooper et.al. (2001) complementam e relatam que todos os outros componentes da viagem turística (meios de hospedagem, transportes e outros), são derivados do desejo do visitante de desfrutar do que uma destinação oferece.

Para Beni (2003, p. 303), o atrativo é “todo lugar, objeto ou acontecimento de interesse turístico que motiva o deslocamento de grupos humanos para conhecê-los”. Dentro desta mesma perspectiva Cerro citado por Ruschmann (2006, p.137) declara que o atrativo turístico é “todo elemento material que tem capacidade própria, ou em combinação com outros, para atrair visitantes à determinada zona ou localidade”.

Diante das abordagens é possível notar que o aspecto da atratividade está estreitamente relacionado ao que o turista considera como atrativo, ou seja, existe uma natureza subjetiva, que por sua vez é variada e condicionada por diversos fatores, por isso Ignarra (2003) menciona que a definição de atrativo é complexa, porque a atratividade pode variar de um turista para outro, ou até mesmo do turista para o residente. Contudo, de modo geral, Urry (2001) destaca que o olhar do turista é voltado para os lugares que apresentem vivências diferentes do seu cotidiano.

Por outro lado, Braga (2007) observa que quando se trata de planejamento turístico é importante diferenciar recurso e atrativo turístico, porque em algumas ocasiões pode haver certo equívoco no entendimento desses dois aspectos. Para a autora, os recursos turísticos são aqueles componentes do lugar que apresentam características importantes para o turismo, mas que ainda estão em seu estado bruto e não apresentam condições de uso, enquanto que os atrativos se referem aos elementos que já estão devidamente preparados para receber visitantes.

As “Cataratas do Iguazu”, por exemplo, é um conjunto de quedas d’água localizadas na fronteira entre Brasil e Argentina, que formam um fenômeno natural com significativa beleza cênica, e que foi estruturado e adaptado para receber visitantes, por isso se trata de um atrativo. Assim, o atrativo é o recurso natural ou cultural presente na localidade que recebeu melhorias para ser desfrutado, como se observa na figura abaixo:

Figura 1 - Cataratas do Iguazu



Fonte: <https://cataratasdoiguacu.com.br/>

Além das instalações e adaptações, os atrativos turísticos necessitam de serviços que colaborem para sua utilização, como agência de viagens, transportes, hospedagem, estratégias de divulgação e marketing, os quais, Beni (2007) esclarece que fazem parte da oferta turística derivada, e os recursos naturais e culturais compreendem a oferta turística original. A consolidação e sucesso dos atrativos estão, portanto, relacionados à capacidade de aliar a oferta turística original com a oferta turística derivada.

Cooper et.al. (2001) dividem os atrativos em naturais e artificiais, os primeiros correspondem aos recursos da natureza como o clima, as florestas, rios entre outros, e o segundo são resultados da ação humana, como os legados da história e da cultura, e inclui também, os complexos de entretenimento e lazer, construídos especificamente para atender os visitantes.

Os parques temáticos da Disneylândia são um claro exemplo de atrações artificiais projetadas para o entretenimento e foram construídos com base no mundo fictício das histórias infanto-juvenis de Walt Disney, oferecendo, além dos equipamentos de diversão, serviços de alimentação e compras. Os parques

temáticos da Disney foram tão bem-sucedidos que ganharam destaque no contexto internacional, ampliando a rede para outros países (TRIGO, 1999).

Embora os atrativos possam ser construídos com a finalidade específica de atrair visitantes, deve haver o comprometimento com a conservação do meio ambiente e geração de benefícios aos moradores locais, do contrário não é viável que sejam implantados, porque não colaboram para o desenvolvimento da população anfitriã.

No caso dos atrativos naturais, Cooper et.al. (2001) relata que os recursos baseados na água, ainda são muito procurados por turistas, como as regiões litorâneas, mas com as facilidades para viajar e o acesso à informação sobre diferentes lugares, o interesse das pessoas tem se voltado para o campo e para destinos com paisagens exóticas.

O Ministério do turismo (2011) acrescenta no rol de atrativos, os eventos programados que são os congressos, festivais, celebrações religiosas, competições e outros. Nesse caso, os eventos são a principal motivação da visita, e têm sido avaliados como alternativas para o problema da sazonalidade, uma vez que os participantes utilizam os mesmos serviços turísticos e acabam se dispondo a conhecer os atrativos locais.

Os eventos também podem ser usados como estratégia de divulgação dos destinos e, é por isso que muitos países entram na disputa para sediar megaeventos como a “Copa do mundo” e “os Jogos Olímpicos”, mas ao mesmo tempo em que são divulgados os atributos locais, também são expostos os pontos negativos, como a violência, instabilidade política e epidemias. Estes fatores podem gerar o efeito contrário do esperado, isto é, afastar os possíveis visitantes, em vez de atraí-los. Portanto, se nota que em primeiro lugar, a localidade precisa ser satisfatória para o nativo em termos de segurança, infraestrutura e outros aspectos, pois assim também será para o visitante.

Os atrativos sejam eles eventos, produtos da natureza, legados históricos e culturais ou empreendimentos de lazer, representam a essência do lugar como descreve Beni (2007). Por isso, o planejamento deve considerar os elementos que o

destino dispõe, pois eles auxiliam na definição do tipo de experiência turística que poderá ser desenvolvido.

2.2.1 O desenvolvimento do atrativo turístico

De modo geral, cada lugar apresenta recursos naturais, culturais e históricos que podem ser aproveitados no turismo. Entretanto para que se tornem atrativos turísticos efetivos é necessário investir em estrutura adequada, a fim de proporcionar aos visitantes e moradores, experiências satisfatórias e sustentáveis, até mesmo porque o turismo pode se desenvolver sem preparação apropriada, resultando em prejuízos ao meio ambiente e à cultura, ou seja, o turismo pode destruir o turismo, na medida em que os recursos são massivamente explorados.

Nesse sentido, Braga (2007) relata que segundo estudos científicos, os recursos turísticos em estado bruto que recebem visitas frequentes estão mais propícios à degradação em relação àqueles contemplados com alguma forma de ordenamento das visitas. Cooper et.al. (2001) complementam mencionando que o desenvolvimento de atrativos é muitas vezes essencial à proteção ou mesmo criação de identidades culturais e contribuem para a conservação de sítios históricos.

No que se refere especificamente aos recursos da natureza, os autores destacam, que estes podem ser destinados a diferentes usos da terra, como por exemplo, à indústria, entretanto, os benefícios líquidos gerados pelo turismo à sociedade são maiores do que o uso industrial, por exemplo, sendo assim, é compensatório optar pelo turismo.

Diante disso, se verifica a importância de estruturar adequadamente os recursos turísticos, tendo em vista que estão sujeitos aos impactos negativos de uma atividade massiva e desorganizada. O desenvolvimento de atrativos pode servir para a valorização e resguardo dos elementos da natureza, da cultura e história, desde que sejam tomadas as medidas necessárias para o usufruto adequado, respeitando as limitações dos recursos.

Considerando que os destinos podem apresentar vários recursos, se entende que para desenvolver atrativos turísticos, em primeiro lugar é preciso identificar e analisar aqueles passíveis de utilização no turismo. Para tanto, Braga (2007) sugere o uso do inventário turístico e da metodologia de hierarquização.

O inventário turístico é descrito pela autora como um instrumento onde devem constar informações pertinentes a respeito de tudo aquilo que a destinação tem para oferecer quanto a equipamentos, instalações e atrativos turísticos do ponto de vista efetivo e potencial, por sua vez, a metodologia de hierarquização permite avaliar de forma mais consistente, o real aproveitamento do atrativo no turismo e sua capacidade de atrair visitantes.

O Ministério do Turismo (Mtur, 2006) através do projeto de Inventário da Oferta Turística, fornece um modelo específico de inventário de atrativos, no qual devem ser coletadas informações sobre tipo (natural, cultural, atividades econômicas, atrações técnicas e científicas, eventos programados) e subtipo do atrativo (zona costeira, conjuntos arquitetônicos, agropecuária, hidrelétrica, festa cívica e outros), localização, acesso, funcionamento, instalações e equipamentos e outros aspectos.

O referido órgão nacional de turismo destaca no manual do pesquisador que o objetivo do inventário é descrever atrativos com interesse turístico potencial ou efetivo, pois o que se pretende registrar é o valor turístico das localidades, como também sua capacidade de atrair turistas, ou seja, devem constar os atrativos efetivos e aqueles com potencialidade para o desenvolvimento do turismo.

O Mirante das Lajes, objeto de estudo nesta pesquisa, apresenta características significativas em relação aos aspectos paisagísticos, históricos e culturais, passíveis de aproveitamento turístico, o que será discutido com maior profundidade nos resultados desta pesquisa.

É importante salientar que existe a possibilidade de construir artificialmente atrativos com propósito de visitação e entretenimento, caso a localidade não apresente uma oferta significativa de atrações, como parques temáticos e de lazer, contudo Ignarra (2003) enfatiza que o turista procura, principalmente, conhecer novas culturas, por isso não é recomendável oferecer aos visitantes apenas atrativos artificiais.

A hierarquização por sua vez, é entendida por Beni (2007, p.388) como “um processo que permite ordenar os atrativos de acordo com sua importância turística”. Para o Ministério do Turismo (2007) a hierarquização possibilita identificar os atrativos-âncora e os complementares de uma localidade, auxiliando na elaboração de roteiros turísticos.

O Mtur (2007) disponibiliza uma matriz de hierarquização, na qual se avaliam quantitativamente aspectos específicos dos atrativos, como o grau de uso atual, representatividade, apoio local e comunitário, acesso, infraestrutura, qualidade da paisagem do entorno do atrativo e depois de somados os valores atribuídos aos itens se obtém o nível da hierarquia.

Assim, percebe-se que o inventário permite identificar e classificar os atrativos efetivos e potenciais, e a hierarquização, consiste na avaliação dos atrativos para verificar sua capacidade de atrair turistas e importância no turismo. Em conjunto as duas metodologias são relevantes no processo de planejamento turístico, especialmente na elaboração de roteiros, produtos e definição das experiências turísticas a serem oferecidas nos destinos, como também, contribuem para apontar os fatores que precisam de melhorias e determinar as medidas mais adequadas para o desenvolvimento da atividade turística.

Após a etapa de análise dos recursos a serem desenvolvidos turisticamente, se recomenda elaborar e executar um plano de ação, no qual devem constar todas as melhorias e intervenções necessárias para a formação dos atrativos, e o cronograma de execução das ações, conforme destaca o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas em São Paulo (SEBRAE - SP, s.d).

As adaptações e investimentos na estrutura interna apontada s pelo SEBRAE-SP (s.d.) incluem: placa de identificação do atrativo, acesso em condições apropriadas para o deslocamento dos visitantes, sinalização indicando a direção de trilhas, atividades, saídas de emergência e outros serviços, sinalização interpretativa com o uso de placas e painéis que mostrem o mapa do atrativo e suas instalações, adaptações para a melhor acessibilidade de pessoas com mobilidade limitada, equipamentos de segurança, visitas monitoradas e em outros idiomas, atividades de entretenimento e caracterização harmoniosa com o ambiente do entorno do atrativo.

Além da estrutura interna, os atrativos turísticos dependem de outras facilidades e serviços que viabilizem as visitas, pois apenas as características particulares não são suficientes para torná-los acessíveis ao turista.

Os serviços e facilidades incluem infraestrutura de acesso ao atrativo, por meio de vias adequadas e sinalização de orientação turística, conforme as normas oficiais indicando a existência do atrativo; equipamentos turísticos como meios de hospedagem e alimentação, a fim de propiciar estadia satisfatória; agências que colaboram para a comercialização do atrativo por meio de seus pacotes e roteiros turísticos; transportadoras turísticas e infraestrutura básica e de apoio ao turismo, como transporte, serviços bancários, sistemas de segurança e saúde, abastecimento de água e energia, limpeza pública (BARRETO, 2014).

Observa-se que tais estruturas e serviços devem ser providenciados para que de fato os atrativos possam ser usufruídos pelos visitantes e moradores, pois do contrário, continuarão apenas como recursos com potencialidade para utilização no turismo.

Ruschmann (2015) também analisa que devem ser observados os possíveis impactos da implantação de equipamentos e intervenções, e assim definir as medidas compensatórias ou preventivas, possibilitando o melhor aproveitamento turístico dos recursos sem comprometê-los negativamente.

Diante do que foi exposto, se nota que os atrativos turísticos são essenciais na promoção do turismo, uma vez que estimulam o deslocamento das pessoas aos destinos, e, além disso, podem em muitas ocasiões, ser úteis para a conservação da natureza, da cultura e história, ou seja, desenvolver atrativos de forma adequada e responsável possibilita o uso racional dos recursos, permitindo às futuras gerações, o usufruto destes mesmos bens naturais, culturais e históricos.

3 PAISAGEM: ENTRE O REAL E A SUBJETIVIDADE HUMANA

O termo paisagem tem sido alvo de estudos de diversas ciências que buscam estabelecer um entendimento completo. Dentre as mais variadas conotações existentes na literatura acadêmica, Cruz (2002, p. 107) destaca que parece haver um consenso de que a paisagem é “a porção visível do espaço”, incluindo as formas naturais e artificiais.

Dentro dessa perspectiva, Meneses (2002, p. 32) alega que não existe paisagem sem um observador e, portanto, a percepção visual é condição importante para a “existência cultural da paisagem”. Boullón (2002, p.119), contribui com essa reflexão ao explicar que “sem o homem, a paisagem desaparece”, o que não significa afirmar que ela se dissolva magicamente com a ausência humana, pois o ambiente permanece, mas representa uma ideia da realidade a qual o observador elabora ao interpretar esteticamente o que visualizou.

Por meio dos autores, se pode entender que a paisagem necessariamente reclama um observador disposto a captar os seus traços e elementos. Sendo essa percepção subjetiva, a paisagem se reverte de diversos significados, pois como mencionam Voisenat e Notteghem (1995 apud MENESES 2002, p.33) “a paisagem de uns não é a de outros”, ou seja, cada pessoa percebe a paisagem de forma única, devido a fatores socioculturais, sensoriais, emocionais, da memória e até mesmo a posição em que o expectador se encontra acaba interferindo no modo de “enxergar” a paisagem.

Para um morador, por exemplo, certa paisagem pode ser significativa, reativando lembranças da infância e emoções profundas, enquanto que para outra pessoa talvez apenas faça parte do percurso que realiza até o seu local de trabalho, e mais ainda, para um turista pode representar o contato com uma cultura diferente. Logo, entende-se que não existe apenas uma paisagem, mas várias versões dela.

A paisagem seria então o que se vê, isto é, uma forma subjetiva de perceber as configurações geográficas aparentes, e, portanto, com valor diferente para cada sujeito. Por outra via, Meneses (2002, p. 32) esclarece que não se pode restringir a noção de paisagem apenas à mera projeção do observador, nem ainda reduzir à sua

natureza objetiva, mas deve ser considerada uma estrutura de interação, nas palavras da autora: “É material, real que se dá à percepção”.

Concordando com Meneses, Augustin Berque (1998) enfatiza em seus estudos que a paisagem se refere tanto à subjetividade do sujeito, como também a objetos concretos, pois, ainda que possa representar ou evocar o imaginário, ela exige um suporte objetivo, real. Dessa maneira, se entende que a paisagem é constituída por formas concretas que são apreendidas pelo olhar do observador que lhe atribui significado e sentido por meio da percepção, assim a noção de paisagem envolve as formas visuais e a subjetividade humana, por isso pode ser concebida ao mesmo tempo como marca, pois expressa uma civilização e “matriz, porque participa dos esquemas de percepção, concepção e de ação - ou seja, da cultura – [...]” (BERQUE, 1998, p. 84).

A paisagem enquanto composição de formas concretas e reais carrega simultaneamente as características impostas pela natureza e as marcas das intervenções das sociedades sobre o seu espaço no decorrer do tempo. Assim, embora a paisagem seja fixa no espaço, ela pode adquirir uma nova fisionomia conforme o homem se apropria e transforma o ambiente para atender às suas necessidades.

O processo da interferência humana nas configurações geográficas segue certa lógica que por sua vez é condicionada por crenças, valores, orientações políticas, econômicas e tecnológicas que expressam na paisagem a relação do homem com o seu espaço. Santos (1988, p.24), contribuem para essa compreensão e declara que a paisagem abarca “pedaços de tempos históricos representativos das diversas maneiras de produzir as coisas, de construir o espaço” e ainda, a paisagem é “história congelada, mas participa da história viva” (SANTOS, 2006, p.69).

Nesse contexto, se percebe que as paisagens são formadas por um conjunto de elementos naturais e culturais do passado coexistindo na atualidade, por isso podem ser consideradas como “uma herança em todo o sentido da palavra: herança de processos fisiógrafos e biológicos, e patrimônio coletivo dos povos que historicamente as herdaram como território de ação de suas comunidades” como descreve Aziz Ab’Saber (2003, p. 9). A paisagem testemunha processos históricos e

naturais, como também expressa os esforços humanos para habitar o mundo, por isso constitui um fator importante para a compreensão das sociedades.

Por esse viés, cabe salientar a diferença entre paisagem natural, cultural e urbana relatada por Petroni e Kenigsberg (*apud* Buollón, 2008). Para os autores, a paisagem natural corresponde àquela formada por caracteres físicos e visíveis que não foi alterada pelo homem, em contrapartida a paisagem cultural se refere a que foi modificada pela presença e atividade humana, e a paisagem urbana compreende um conjunto de elementos naturais e artificiais que compõem a cidade, incluindo árvores, rios, praças, edifícios e entre outros.

Entretanto, Buollón (2008) discorda dessa definição de paisagem natural e alega que na realidade ela corresponde à da paisagem da natureza virgem. O autor esclarece que o ambiente natural pode ser dividido em duas partes: natureza virgem, isto é, intocada, e natureza adaptada. No caso da paisagem do ambiente de natureza adaptada, o homem intervém adaptando-se ao ambiente natural e não o contrário, como acontece no espaço urbano. Entende-se, portanto, que a paisagem urbana é um tipo de paisagem cultural, pois está relacionada à forma como as sociedades interagem com o ambiente em que vivem.

Diante do que foi exposto, é possível perceber que a paisagem perpassa entre o concreto, real e a representação, carrega traços da natureza como também é produto das atividades humanas, por isso é portadora de signos, simbologias, utopias, mitos imaginários, isto é, comporta uma dimensão morfológica, histórica, cultural e simbólica.

A cidade de Manaus, comporta ao mesmo tempo o espaço urbano, formado pelos edifícios, monumentos, praças, comércio e indústria, como pelo ambiente natural, onde comunidades tradicionais e ribeirinhas habitam adaptando-se as condições impostas pela dinâmica da natureza. O mirante das lajes se constitui em ponto de encontro da paisagem cultural e natural de Manaus, revelando uma síntese das características locais.

3.1 A PAISAGEM E SUA RELAÇÃO COM O TURISMO

O turismo consome espaços e por isso pode ainda ser entendido como uma experiência particular do lugar em que a paisagem desempenha um papel importante, pois é quase sempre o primeiro contato que o turista tem com o destino. Diferente dos demais tipos, a viagem turística representa o rompimento, mesmo que momentâneo, com o cotidiano, perpassa por imaginários, sonhos e expectativas que os turistas desejam satisfazer nos destinos. Ao viajar, o turista busca conhecer novas culturas, desfrutar do lazer e das férias e estabelecer conexões com outra versão de mundo, assim as viagens turísticas não são meros deslocamentos como salienta Coriolano (2006), mas representam a possibilidade de vivenciar experiências únicas.

As paisagens, por sua vez, manifestam as particularidades de cada lugar, por isso são elas que dão ao turista a perspectiva geográfica de estar no destino tão desejado e distante da sua rotina. É através da visualização da paisagem que o turista se conecta com o lugar visitado e armazena em sua memória imagens das experiências vivenciadas, desta maneira, pode-se dizer que o turista é um colecionador de paisagens.

Krippendorff (2009, p.38) explica que sair e viajar se reveste de uma grande importância para a sociedade, porque as cidades não se preocupam com o relaxamento de seus habitantes, assim o cotidiano repleto de coisas monótonas “só será suportável se pudermos fugir dele”. Dentro dessa mesma perspectiva Yázigi (2002) relata que cotidiano é frequentemente associado às rotinas que realizamos e que conferem o sentimento de estabilidade e segurança fundamentais para todas as pessoas, entretanto há momentos em que a paisagem cotidiana não responde mais aos anseios pessoais gerando o impulso turístico, isto é, a busca por lugares que se revelem através de suas paisagens. O autor ainda menciona que isso também acontece, porque se acredita que o cotidiano já foi explorado por inteiro, quando na verdade, ainda não foram desvendadas todas as suas dimensões.

Nesse sentido, se entende que as paisagens estão revestidas de informações as quais o turista busca desvendar. A forma como as sociedades organizam suas paisagens e a possibilidade de novas descobertas e vivências despertam a

curiosidade das pessoas, estimulando as viagens. Por isso, as paisagens constituem-se em elementos importantes de atração turística e para o desenvolvimento de produtos turísticos. Porém, reduzir a paisagem apenas em mercadoria, embora seja altamente rentável, os efeitos culturais podem ser negativos, resultando no esvaziamento cultural e simbólico presentes em seus elementos compositivos.

De acordo com Cruz (2002) para o turismo é o valor estético da paisagem que está em questão, e a estética enaltecida na paisagem turística é aquela estabelecida por modismos e padrões culturais de uma época, levando à produção de paisagens com base nas demandas do consumidor-turista. Para a autora, a paisagem artificial construída apenas para e pelo turismo, resultam de planos e projetos que (re) criam paisagens em função da atratividade turística, portanto não são reveladores de fatos do passado do lugar na qual estão inseridas, são apenas o presente e um presente sem espessura que demonstra a capacidade do turismo de transformar os lugares para que se desenvolva.

Meneses (2002) complementa enfatizando que estas paisagens não se configuram como objetos alvo da percepção ou da consciência, mas apenas de sensações. Defende ainda que embora a paisagem tenha um valor econômico em nossa sociedade, não se pode aceitar que a sua natureza deva ser a de mercadoria.

As paisagens são a expressão da dinâmica da natureza e da cultura de cada lugar, pois nelas estão inseridas as marcas da forma como as pessoas se relacionaram com o espaço no decorrer do tempo, portanto são necessárias para compreensão da sociedade e para projeção do fazer humano. Nesse sentido se observa que as intervenções turísticas devem ocorrer com a finalidade de valorizar as paisagens locais, contribuindo para conservação dos elementos culturais e naturais presentes no conteúdo paisagístico. Devem-se propor estratégias e medidas que considerem os possíveis impactos que o turismo pode causar, buscando alternativas compensatórias e sustentáveis, do contrário, as interferências podem se tornar irreversivelmente prejudiciais e, portanto, inviáveis para o bem-estar da população residente.

A descaracterização da paisagem dos destinos em razão dos interesses do mercado não faz parte de uma gestão política e comercial comprometida com o

desenvolvimento de um turismo brando e voltada para a melhoria da qualidade de vida dos moradores. Por essa perspectiva, se verifica que a ocorrência de um turismo desenfreado, sem qualquer preocupação com planejamento e ordenamento, já se mostrou ineficaz em muitos lugares, resultando em danos ao meio ambiente e às relações sociais entre anfitrião e visitante.

O caminho do turismo é a busca de mecanismos sustentáveis que tenham como foco, o bem-estar dos moradores, o desenvolvimento local e a conservação dos recursos da natureza e da cultura. Limitar e submeter à paisagem a condição de consumo turístico significa concordar e propagar as desigualdades sociais, como também comprometer negativamente os recursos que as localidades possuem e, por conseguinte que engrenam o funcionamento do turismo. Portanto, o objetivo do turismo deve ser o bem comum e não apenas o retorno econômico.

3.2 OS MIRANTES E SUA ATRATIVIDADE TURÍSTICA

Os mirantes são locais, que permitem a visualização ampla de determinada paisagem, devido a sua posição elevada, permitindo assim, uma percepção mais abrangente de uma localidade e a formação de imagens que se cristalizam na memória do observador, por isso podem se tornar instrumentos importantes para a valorização da cultura e dos aspectos ambientais compositivos do recorte panorâmico que o circunda.

No contexto das cidades, em que os fazeres do cotidiano prendem a atenção das pessoas, os mirantes são na verdade, um convite para a contemplação e apreciação da paisagem, proporcionando uma experiência do lugar. Desse modo, podem ser considerados como “olhos da cidade” que estimulam o diálogo entre o observador e a paisagem.

Porém, cabe salientar que a funcionalidade dos mirantes enquanto reveladores de paisagens, nem sempre compreendem o objetivo maior que levaram a sua construção ou surgimento, é o caso de torres de comunicação, arranha-céus e pontes. O Mirante das Lajes, objeto de estudo analisado nesta pesquisa, por exemplo, foi construído primordialmente para suportar uma sede de uma empresa

de comunicação, somente após a desativação do empreendimento, o local passou a cumprir mais intensamente o papel de mirante.

De acordo com Gomes (2015), a origem dos mirantes urbanos ainda é pouco conhecida. Sabe-se que a sua difusão, data do século XIX, contudo no século XVI, é possível notar alguns elementos básicos numa tentativa de se situar em determinados pontos para apreciar uma determinada vista da cidade. Conforme Certeau (1998), a vontade de ver a cidade precedeu os meios de satisfazê-la, pois as pinturas medievais e renascentistas com a representação da cidade por uma perspectiva do “alto” já demonstravam o interesse dos homens em obter um olhar completo e panorâmico da paisagem, o que se concretiza nos dias atuais através de estruturas arquitetônicas que exercem a função de pontos de referências para a apreciação de paisagens. Nas palavras do estudioso, “essa ficção já transformava o espectador medieval em olho celeste. Fazia deuses” (CERTEAU, 1998, p.170).

A capacidade dos mirantes em proporcionar a visualização de cenários paisagísticos e a própria arquitetura que os molda, tem se transformado em elementos de significativa atratividade turística, despertando o interesse das pessoas em conhecê-los. No contexto Internacional destaca-se: O *Grand Canyon*, e a *Torre Eiffel*

Considerado como Patrimônio Mundial pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e, a Cultura (UNESCO), o *Grand Canyon* é um parque formado por um desfiladeiro que se destaca pelas características que remontam a história geológica ao longo de dois bilhões de anos, representando as quatro principais eras geológicas. A paisagem que compõem o cenário do *Grand Canyon* inclui planaltos, planícies, desertos, florestas, cones de cinzas, riachos, cachoeiras,¹ como pode ser visualizado na figura 02.

¹ Fonte: <<https://grandcanyon.com/planning/grand-canyon-west-canyon-planning/>> Acesso em maio de 2019> às 18h39.

Figura 2 - Parque Grand Canyon - Skywalk



Fonte: grandcanyon.com

O Parque do *Grand Canyon* oferece ao menos cinco opções de excursões e mais quatro passeios completos para o visitante, em que é possível apreciar a paisagem por meio dos mirantes que disponibiliza, dentre eles, o *Skywalk*, uma passarela com chão e paredes de vidro em formato de ferradura com aproximadamente 1.221 metros de altura. A *Torre Eiffel*, é uma torre construída em ferro, idealizada pelo engenheiro Gustave Eiffel para a exposição Universal de 1889, que celebrou o primeiro centenário da Revolução Francesa. A construção levou cerca de dois anos e dois meses, tempo considerado excelente para época em que as condições tecnológicas eram limitadas. Símbolo da cidade de Paris, a Torre é o monumento pago mais visitado do mundo, recebendo cerca de sete milhões de pessoas por ano e disponibiliza três ambientes em que o visitante pode obter uma vista ampla da cidade², conforme se visualiza na figura 03.

² Fonte: <https://www.tou Eiffel.paris/es/descubrir/> Acesso em maio de 2019.

Figura 3 - Torre Eiffel em Paris



Fonte: <https://www.tou Eiffel.paris>

No âmbito Nacional, a cidade de São Paulo lançou o roteiro turístico com a temática “Mirantes”, que reúne treze locais diferentes, entre edifícios, viadutos, parques e praças, pelos quais é possível observar a diversidade da paisagem urbana. Cada ponto de referência conduz a um olhar que descortina um panorama diferente da metrópole brasileira. Dependendo do local escolhido, o destaque será a arquitetura, as áreas verdes, o cotidiano das ruas, ou o pôr do sol, revelando aspectos multifacetados.

O roteiro específico faz parte do projeto “Viva São Paulo” articulado em 2012, entre a prefeitura de São Paulo e a empresa São Paulo Turismo. Compõem o roteiro turístico os edifícios Altino Arantes, Martinelli, Copan e Itália, o Parque Estadual da Cantareira, Viaduto do Chá, Shopping Cidade Jardim, Viaduto Doutor Arnaldo, Edifício, Parque Estadual do Jaraguá, Jockey Club, Praça do Pôr do Sol, Viaduto Santa Ifigênia e o Vão Livre do MASP³.

³ Fonte: <http://cidadedesapaulo.com/v2/wp-content/uploads/2017/04/Vistas.pdf/>. Acesso em maio de 2019.

A cidade do Rio de Janeiro possui diversos mirantes, que possibilitam a contemplação da paisagem da “cidade Maravilhosa”, dentre eles os mais conhecidos são o Cristo Redentor e o Pão de Açúcar que recebe inúmeros turistas, especialmente na época das festas de fim de ano. Porém, existem outros mirantes que merecem destaque, como o mirante da “Vista Chinesa”, localizado na floresta da Tijuca e construído no início do século XX em homenagem aos chineses e a importação do cultivo de chá no Brasil. As características arquitetônicas seguem o estilo chinês *pagode*, com telhados de dimensões grandes, mas de aparência amena e leve, conforme apresentado na figura a seguir (GOMES, 2015).

Figura 4 - Mirante da Vista Chinesa

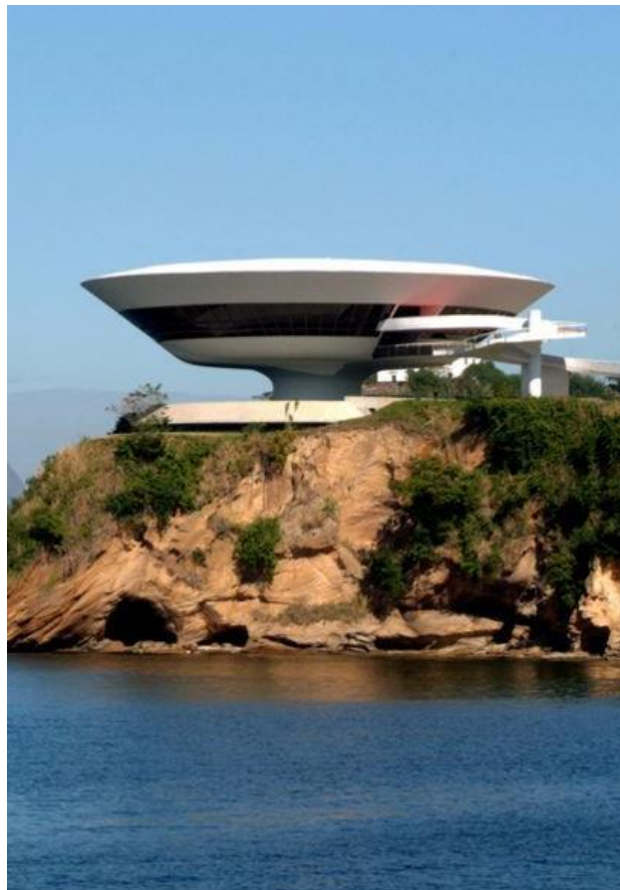


Fonte: Riotur

Ainda no Estado do Rio de Janeiro, destaca-se o Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC), inaugurado em setembro de 1996 para acolher a coleção de João Sattamini, com mais de mil obras de prestigiados pintores da vanguarda brasileira. A obra foi idealizada pelo renomado arquiteto, e naquela ocasião, prefeito de Niterói, Oscar Niemayer, que escolheu o mirante de Guanabara para abrigar o museu. A vista panorâmica inclui a Baía de Guanabara e as cidades do Rio de Janeiro e de Niterói.

O projeto arquitetônico teve como base três dimensões interligadas: a cultura, o ambiente que se descortina na paisagem visualizada e a sociedade, que usufrui do espaço. Devido a sua forma futurista, o museu-mirante se tornou um marco da arquitetura moderna mundial, sendo considerada uma das sete maravilhas do Mundo em museus pela mídia especializada. A singularidade da arquitetura apresenta em si mesma um valor que atrai os visitantes, tornando-se um símbolo e marca da cidade de Niterói, como se verifica na ilustração abaixo.

Figura 5 - Museu de Arte Contemporânea de Niterói



FONTE: <http://culturaniteroi.com.br>

Bruno (2002) ao estudar o Museu enquanto estratégia de promoção da cidade de Niterói relata que a forma arquitetônica do MAC, se transformou em símbolo e logotipo de propagandas publicitárias, trazendo aos moradores uma nova percepção da cidade e de si mesmos. Compreende que assim como a Torre Eiffel é a cidade de Paris, o MAC é a cidade de Niterói, porém alerta para o fato de se colocar em

evidência apenas a configuração da arquitetura do prédio em detrimento do papel cultural do Museu.

Diante da abordagem realizada, se entende que os mirantes, ou espaços que apresentem a função de apreciação da paisagem, podem se tornar elementos significativos de atração turística, contribuindo para a propagação da imagem de uma localidade. Contudo, deve-se levar em consideração na estruturação de atrativos turísticos, a valorização das características locais, pois do contrário se tornam objetos destoantes do seu entorno.

Em Manaus, se verifica a ausência de mirantes com notoriedade, há apenas um de relevância turística que é a Torre de Observação do Museu Amazônico (MUSA), situado na Reserva Florestal Adolpho Duck, na zona norte da cidade. A torre possui aproximadamente 42 metros de altura e 242 degraus, pela qual é possível observar a riqueza da floresta e da fauna presentes na cidade e apreciar o nascer ou pôr do sol conforme se verifica na figura abaixo. O MUSA, ainda dispõe de atividades como trilhas, visita ao Jardim Botânico e exposições⁴.

⁴ Fonte: <http://museudaamazonia.org.br/>. Acesso em maio de 2019.

Figura 6 - Torre de Observação do MUSA



FONTE: <http://museudaamazonia.org.br>

Para o Mirante das Lajes, foram delineadas ao menos duas propostas de projetos turísticos. O primeiro se tratou da construção de um museu que se chamaria “Memorial Encontro das Águas”, o projeto foi elaborado em 2005, pelo reconhecido arquiteto Oscar Niemayer a pedido do então prefeito da cidade de Manaus, Serafim Corrêa. O Memorial contaria com um restaurante com vista panorâmica para confluência dos rios Negro e Solimões e um heliporto como se verifica na imagem a seguir, o projeto foi invalidado pela falta de verbas para a construção⁵.

⁵ Fonte: Informações colhidas em visita de campo realizada no IPHAN/AM em 2015.

Figura 7 - Projeto Memorial Encontro das Águas



FONTE: <http://bit.do/memorialencontrodasaguas>

Em 2015, o prefeito de Manaus, Arthur Virgílio, levantou a proposta da implementação do “Parque Ponta Branca” com o objetivo de desafogar o fluxo de visitantes no complexo turístico “Ponta Negra” e oferecer uma alternativa de lazer para os moradores locais. O parque Ponta Branca contaria com uma praia, um museu, restaurante e um teleférico, este último projeto oficial, ainda encontra-se em fase de captação de recursos e não tem previsão para a sua construção.

4 METODOLOGIA

De acordo com Dencker (2001), “a metodologia é o que se faz para adquirir o conhecimento desejado de maneira racional e eficiente”, ou seja, é a etapa onde são definidas as estratégias adequadas para realização da pesquisa, a fim de se obter conhecimento científico sobre o objeto de estudo. Lakatos e Marconi (2001, pg.223), complementam ao salientar que “a especificação da metodologia da pesquisa é a que abrange maior número de itens, pois respondem, a um só tempo, as questões como, com quê, onde e quanto”.

Desse modo, entende-se que a metodologia corresponde aos passos a serem seguidos para esclarecer os fenômenos descritos através dos objetivos determinados pelo pesquisador. Assim, verifica-se que para não comprometer a pesquisa, os métodos e as técnicas devem ser criteriosamente escolhidos.

A pesquisa utilizou o método indutivo que parte da análise de enunciados particulares para se chegar a uma constatação geral. Assim, a partir de um estudo das características intrínsecas do Mirante das Lajes no que se refere aos aspectos compositivos da paisagem do entorno e dos itens específicos discriminados no quadro de hierarquização do Mtur (2007), buscou-se investigar o grau de potencialidade turística do mirante e o seu possível aproveitamento turístico.

O presente estudo tem abordagem quali-quantitativa, uma vez que a partir dos dados quantitativos obtidos por meio da metodologia de hierarquização de atrativos adaptada pelo MTUR (2007) e da observação in loco, foi feito um estudo e interpretação dos fenômenos. Isto é, realizou-se um estudo detalhado a respeito das características paisagísticas circundantes do Mirante das Lajes e dos aspectos relacionados ao estudo de sua potencialidade turística, a partir dos quais foram gerados dados quantitativos e elaborado um quadro com os valores atribuídos para cada item analisado.

Gil (2010), afirma que as pesquisas podem ser classificadas conforme seus objetivos mais gerais. Diante disso, com base em seus objetivos metodológicos, este estudo se classifica como descritivo, pois buscou descrever características e especificidades do mirante, principalmente no que se refere aos aspectos importantes para avaliação do potencial de atratividade e as características da

paisagem de seu entorno. Trata-se também de uma pesquisa exploratória por se buscar maior familiaridade com um tema ainda pouco estudado.

Nesta pesquisa o método de procedimento adotado foi o estudo de caso, por se buscar conhecer profundamente o objeto em estudo, nesse caso o Mirante das Lajes e suas especificações em relação ao seu aproveitamento turístico. Para Gil (2010, p.37), o estudo de caso “consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento”.

As técnicas de pesquisa de coleta de dados adotadas foram à pesquisa bibliográfica, de campo, documental, observação, entrevista e questionário. A pesquisa bibliográfica (fonte secundária) consistiu na consulta de livros, artigos científicos, teses e dissertações, revistas e jornais impressos e eletrônicos, relacionados à temática do estudo, com a finalidade de coletar informações prévias sobre o objeto em estudo e compor a fundamentação teórica.

Em seguida foi realizada a pesquisa documental (fonte primária) em instituição pública, especificamente o IPHAN/AM, onde foram consultados documentos oficiais referentes aos projetos de implementação de infraestrutura turística no mirante e ao Tombamento do Encontro das Águas em que se verificou a existência da proposta do projeto turístico “Memorial Encontro das Águas” para ser executado no Mirante das Lajes.

Outra técnica adotada foi à pesquisa de campo que consiste na observação de fatos e fenômenos como realmente ocorrem, e no registro de variáveis que se considerem relevantes para análise (LAKATOS e MARCONI, 2001).

Assim, na pesquisa de campo foram realizadas duas visitas ao Mirante das Lajes, onde a partir da observação sistemática com base nos critérios sugeridos pelo Mtur (2007) se verificaram os aspectos relevantes para a avaliação do potencial turístico como as vias de acesso, infraestrutura, singularidade. A observação assistemática também foi utilizada, permitindo verificar os elementos que compõem a paisagem do entorno do mirante. Nessa etapa foi realizado o registro fotográfico dos itens analisados

A pesquisa de campo incluiu a visita às instituições comunitárias do bairro Colônia Antônio Aleixo para verificar o grau de interesse da comunidade local na turistificação do mirante. Para tanto foram realizadas entrevistas semiestruturadas

com perguntas abertas e fechadas, como ainda aplicados questionários com perguntas fechadas para investigar de forma concreta na perspectiva dos moradores, o grau de potencialidade turística do mirante. Salienta-se que o mesmo questionário foi aplicado junto aos demais respondentes que fazem parte do universo da pesquisa que foram turismólogos, profissionais de áreas afins, representantes de meios de hospedagem e agência de viagens e turismo.

Para estes o questionário foi disponibilizado através de um link via internet e enviado através de e-mail, em que também foram adicionados slides com informações e imagens do mirante para que fosse possível responder as questões discriminadas. Foram enviados 48 questionários para meios de hospedagem e agências de viagens cujos dados foram consultados no site do Cadastro de Prestadores de Serviços Turísticos do Mtur. Obteve-se como retorno 7 questionários respondidos, dentre os quais: 4 agências de viagens e 3 meios de hospedagem, se salienta que alguns dados para contato desses empreendimentos estavam desatualizados, assim ao menos 4 questionários foram enviados a e-mails inválidos.

Para a avaliação do potencial de atratividade foi adotada como instrumento de pesquisa a metodologia de hierarquização de atrativos, utilizada pela Organização Mundial do Turismo (OMT) e pelo Centro Interamericano de Capacitação Turística (CICATUR) e adaptada pelo Ministério do Turismo do Brasil no ano de 2007.

O objetivo da metodologia é auxiliar na avaliação da importância dos atrativos identificados para inclusão em roteiros turísticos. A hierarquização de atrativos permite classificá-los através de seus valores específicos, assim como identificar elementos que podem influenciar no seu aproveitamento turístico (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2007).

O primeiro passo é avaliar o potencial de atratividade conforme as características e singularidades do lugar e o interesse que pode despertar nos turistas. Para isso, é preciso atribuir um valor quantitativo ao elemento de acordo com a classificação da hierarquia do potencial de atratividade, conforme mostra o quadro 1:

Quadro 1 - Desenvolvimento do potencial de um atrativo turístico

Hierarquia	Características
3 (alto)	É todo atrativo turístico excepcional e de grande interesse, com significação para o mercado turístico internacional, capaz de, por si só, motivar importantes correntes de visitantes, atuais e potenciais.
2 (médio)	Atrativos com aspectos excepcionais em um país, capazes de motivar uma corrente atual ou potencial de visitantes deste país ou estrangeiros, em conjunto com outros atrativos próximos a este.
1 (baixo)	Atrativos com algum aspecto expressivo, capazes de interessar visitantes oriundos de lugares no próprio país, que tenham chegado à área por outras motivações turísticas, ou capaz de motivar fluxos turísticos regionais e locais (atuais e potenciais).
0 (nenhum)	Atrativos sem méritos suficientes, mas que são parte do patrimônio turístico como elementos que podem complementar outros de maior hierarquia. Podem motivar correntes turísticas locais, em particular a demanda de recreação popular.

Fonte: Ministério do Turismo (2007).

Em seguida, avaliam-se outros aspectos que contribuem na definição da hierarquia, são eles:

a) Grau de uso atual: consiste em analisar o atual volume de fluxo turístico efetivo e sua importância para o município. Um alto grau de uso mostra que o atrativo apresenta uma utilização turística consistente.

b) Representatividade: se baseia na singularidade ou raridade do atrativo. Quanto mais se assemelhar a outros atrativos, menos interessante ou prioritário.

c) Apoio local e comunitário: a partir da percepção dos líderes comunitários, deve-se analisar o grau de interesse da comunidade local para o desenvolvimento e disponibilidade ao público.

d) Estado de conservação da paisagem circundante: verificar, por observação *in loco*, o estado de conservação da paisagem que circunda o atrativo. Neste item é analisada a ambiência do atrativo.

e) Infraestrutura: verifica-se, *in loco*, se existe infraestrutura disponível no atrativo e o seu estado.

f) Acesso: neste item, ocorre a verificação das vias de acesso existentes e suas condições de uso.

Para cada aspecto, também é atribuído um valor quantitativo que vai de 0 a 3 correspondendo à avaliação apresentada no quadro 2:

Quadro 2 - Critérios para hierarquização de atrativos

Critérios		Valores			
		Q			
		0	1	2	3
Potencial de Atratividade (a)		Nenhum	Baixo	Médio	Alto
Hierarquização	Grau de uso atual (b)	Fluxo turístico insignificante	Pequeno fluxo	Média intensidade	Grande fluxo
	Representatividade (c)	Nenhuma	Elemento bastante comum	Pequeno grupo de elementos similares	Elemento singular, raro
	Apoio Local e Comunitário	Nenhum	Apoiado por uma	Apoio razoável	Apoiado por grande parte

	(d)		pequena parte da comunidade		da comunidade
	Estado de Conservação da Paisagem circundante (e)	Estado de conservação péssimo	Estado de conservação regular	Bom estado de conservação	Ótimo estado de conservação
	Infraestrutura (f)	Inexistente	Em estado precário	Existente, mas necessitando de intervenções/ e melhorias.	Existente e em ótimas condições
	Acesso (g)	Inexistente	Em estado precário	Existente, mas necessitando de intervenções/ e melhorias	Em ótimas condições

Fonte: Ministério do Turismo (2007)

É importante ressaltar que os itens: potencial de atratividade do elemento e representatividade deve receber a pontuação em dobro, ou seja, ter peso dois, pois são considerados mais significativos. Por fim, os valores são somados, quanto maior for a pontuação, maior sua importância e necessidade de inclusão em roteiros turísticos.

Para realizar essa avaliação foram aplicados questionários junto à liderança de instituições comunitárias do bairro Colônia Antônio Aleixo, como também junto aos formadores de opinião atuantes no turismo e áreas afins por se considerar que estes se destacam por sua influência sobre a população em geral, sendo possível entender a visão da massa crítica a respeito do uso turístico do Mirante. Nesse sentido, relata-se que a amostra é não probalística intencional, pois se crê que os respondentes da pesquisa apresentam conhecimento de causa e assim são representativos da população.

O tamanho da amostra corresponde a 24 respondentes especificados a seguir: um historiador, um arquiteto e urbanista, dois geógrafos, quatro turismólogas, três ambientalistas, quatro representantes de meios de hospedagem, três agências de viagens e uma guia de turismo, além de representantes de cinco representantes de lideranças comunitárias que são Associação dos Moradores e Amigos do Complexo Colônia Antônio Aleixo (AMACCAA), Centro Social e Educacional do Lago do Aleixo (CSELA), Espaço Cidadão de Arte e Educação (ECAE), Movimento de Reintegração das Pessoas Atingidas pela Hanseníase (MOHAN), Clube de Mães Irmã Ruth Moura e Instituto Conquista.

5 RESULTADOS CONFORME OS OBJETIVOS PROPOSTOS

Neste tópico serão apresentados os resultados da pesquisa de acordo com os objetivos estabelecidos na pesquisa que são: caracterizar o ambiente natural e cultural do Mirante das Lajes, assim como estudar sua potencialidade turística com base nos critérios determinados na metodologia do Ministério do Turismo (2007) para a hierarquização de atrativos turísticos.

5.1 CARACTERIZAÇÃO SOBRE O AMBIENTE NATURAL E CULTURAL EM QUE ESTÁ INSERIDO O MIRANTE

O Mirante das Lajes está situado na zona leste da cidade de Manaus, especificamente nas proximidades do bairro Colônia Antônio Aleixo, a 20 quilômetros de distância da área central da cidade. Trata-se de uma falésia sobre a qual foi construída uma estrutura de concreto que serviu por determinado período, para abrigar uma sede da Empresa Brasileira de Telecomunicações (EMBRATEL), mas atualmente se encontra desativada, permanecendo apenas uma torre da referida empresa e algumas salas, por isso também é conhecido como Mirante da Embratel.

No contexto atual, o local é mais utilizado pelos moradores dos bairros próximos para a prática do lazer, banho, e esporte, como é o caso do rapel, sendo pouco conhecido pela maioria dos manauaras, devido à falta de divulgação do lugar.

Compõem o cenário paisagístico natural e cultural do Mirante das Lajes o “Encontro das Águas” que é uma das maiores atrações turísticas locais, as ilhas de Xiborena e Careiro da Várzea, como também uma praia e uma laje de pedras, visíveis apenas no período de seca dos rios. Neste sentido, observa-se que a paisagem é dinâmica, modificando-se conforme os aspectos da natureza, o que pode ser positivo para o turismo em relação à sazonalidade, pois a paisagem permanece atrativa independente dos períodos, e em épocas de vazante dos rios, a praia surge, podendo ser utilizada para a prática do lazer.

Figura 8 - Vista Panorâmica do Mirante das Lajes



Fonte: www.google.com/search?rlz=1C1GCEA_

Na paisagem do entorno é possível notar a presença significativa de elementos naturais, pois o lugar está rodeado de plantas e árvores, como mangueiras, mamoeiros, pés de banana e ingás. Mas, conforme explica Milton Santos (1998), as paisagens também são formadas por movimentos, cores, odores e sons. No mirante das lajes é comum avistar pássaros e ouvir o seu canto, em relação ao odor, sente-se o cheiro da mata, mas também do lixo acumulado em alguns pontos.

Os movimentos se demonstram no trânsito de visitantes que nas épocas de seca utilizam a praia para o lazer, e na navegação das embarcações de grande e pequeno porte que usam os rios como estradas, fato comum na região amazônica. Em uma das visitas, foi possível notar a presença das referidas “rabetas” que atracavam carregadas de frutas como melancias e bananas, numa espécie de pequeno comércio.

Figura 9 - Embarcação de pequeno porte comercializando frutas



Fonte: A autora, 2017.

Tocantins (1983, p. 233) ao retratar a realidade amazônica, explica a importância do rio para a construção da cultura e identidade da região, nas palavras do escritor: “O homem e o rio são os dois mais ativos agentes da geografia humana da Amazônia. O rio enchendo a vida do homem de motivações psicológicas, o rio imprimindo à sociedade rumos e tendências, criando tipos característicos na vida regional”.

O Encontro das Águas, um dos elementos paisagísticos de significativo valor natural e cultural do mirante das lajes, é formado pelos rios Negro de águas escuras e Solimões, de águas barrentas que por apresentam condições naturais diferentes, como densidade e velocidade, percorrem paralelamente por vários quilômetros sem que suas águas se misturem, formando um cenário de significativa beleza cênica.

O rio Solimões é proveniente de múltiplos cursos de água doce ricos em sedimentos, como argila e areia fina, oriundos dos Andes Peruanos e recebe diferentes denominações durante sua trajetória, quando se encontra com as águas do rio Negro é denominado rio Amazonas. O rio Negro nasce na Colômbia e percorre cerca de 1,7 mil quilômetros até a sua foz, suas águas escuras resultam da decomposição de matéria orgânica vegetal. Pode-se dizer que juntos os dois rios sintetizam o bioma amazônico, pois suas características, especialmente o rio

Solimões rico em nutrientes, propiciam o desenvolvimento de diversas espécies de animais e plantas (MUSA, 2015).

Figura 10 - Encontro das Águas em Manaus



Fonte: <http://bit.do/encontrodasaguas>

Nos registros históricos, o fenômeno natural já impressionava os viajantes europeus que instigados pela aventura da era dos descobrimentos, e pelos mitos fascinantes das índias guerreiras e do país das canelas, lançaram-se sobre os mares em busca da conquista de novos territórios. Os relatos do frei Gaspar de Carvajal (apud Neves, 2010, p. 33) que acompanhou a expedição do espanhol Francisco de Orellana em terras amazônicas, fazem uma descrição da beleza cênica do Encontro das Águas:

Nesse mesmo dia, saindo d'ali, prosseguindo a nossa viagem, vimos uma boca de outro grande rio, à mão esquerda, que entrava no que navegávamos, e de água negra como tinta, e por isso lhe pusemos o nome de Rio Negro. Corria ele tanto e com tal ferocidade que em mais de vinte léguas fazia uma faixa na outra água, sem misturar-se com a mesma.

Destaca-se que ainda nos dias atuais, o fenômeno continua despertando a curiosidade dos visitantes que se deslocam para a região a fim de conhecê-la, mobilizando a cadeia turística, por meio de guias de turismo, agências, restaurantes e hospedagem. O atrativo é comumente visitado através de embarcações que fazem o roteiro até o local, mas com o mirante é possível apreciá-lo por via terrestre.

Figura 11 - Paisagem vista a partir do Mirante das Lajes



Fonte: A Autora, 2017.

A visita ao local por via terrestre permite uma percepção ampla da cidade, pois durante o percurso se pode observar os traços urbanos e naturais de Manaus, como edifícios, prédios históricos, comércio, a indústria, árvores e pássaros, e para finalizar o encontro dos rios, reforçando o imaginário da cidade de “Portal de Entrada da Amazônia”. Evidenciando ainda, as diferentes transformações pelas quais a cidade passou. Desta maneira, entende-se conforme Corrêa e Rosendahl (1998), que a paisagem resulta de diferentes momentos históricos e sendo portadora de significados, expressa os valores, as crenças, os mitos e as utopias, apresenta uma dimensão cultural.

A paisagem do encontro das águas tem um profundo significado cultural e simbólico que se expressa nos emblemas oficiais com referências nos brasões do Estado do Amazonas, da Universidade Federal do Amazonas e do Município de

Manaus e nas mitologias indígenas que recontam o surgimento do encontro dos dois rios. Uma das mitologias indígenas relata o romance da jovem índia Jasmim que teria sido encantada pelo filho do deus vento. O deus vento se enfureceu e como castigo parou o vento na floresta, deixando o ambiente triste. Para que a alegria retornasse, a tribo resolveu sacrificar a jovem índia jogando-a no rio, na tentativa de salvá-la, o filho do deus vento atirou-se nas águas e os dois morreram afogados. Transtornado com o acontecimento, o deus vento dividiu as águas em duas cores como lembrete do fato. Na perspectiva de alguns pescadores da região, no Encontro das Águas, habitam as temidas “feras”, peixes carnívoros de grande estatura capazes de devorar até mesmo pessoas⁶. É ainda, nesse lugar que ocorre a desova de uma das espécies de peixe mais apreciada na culinária local, o jaraqui, peixe comum de forte apelo popular que ganhou o dito: “quem come jaraqui, não sai mais daqui”. Teria sido também no encontro das águas que o guerreiro indígena Ajuricaba da tribo Manaus, se atirou e se afogou num gesto de resistência aos invasores europeus, pois preferia a morte a se tornar escravo.

Figura 12 - Jaraqui, prato típico da cidade



Fonte: <http://bit.do/eTxbM>

⁶ Fonte: Documentário: “Encontro das Águas”, disponível em https://www.youtube.com/results?search_query=encontro+das+aguas+nova+amazonia/. Acesso em abril de 2019.

Cabe mencionar que embora o Encontro das Águas apresente características interessantes para a compreensão da história e cultural local, os moradores pouco conhecem a respeito desses aspectos, assim o mirante se torna um ponto importante para apreensão e valorização desse conhecimento, contribuindo para reforçar a identidade local e o sentimento de pertencimento.

Segundo Garcia (2005), em 1832, a área em que se encontra o mirante foi palco do confronto entre os defensores da autonomia política do Amazonas e as tropas paraenses que lutavam pela subordinação da então Capitania de São José do Rio Negro à Província do Pará. O embate contou com cerca de 1.000 homens que enfrentaram as forças paraenses, mas não obtiveram sucesso.

No entorno do mirante, estão registrados três sítios arqueológicos: Lages, Ponta das Lajes que também é um geossítio, e Daisaku Ikeda, onde foram encontrados artefatos como urnas funerárias e vasos cerâmicos que demonstram a ocupação quase ininterrupta de povos nativos desde o início da era cristã, até atualidade, compreendendo em termos arqueológicos as chamadas fases Açutuba (Séc. III A.C - III d.C.) Manacapuru (Séc. IV D.C - VIII d. C) e Paredão (Séc. VI - XII d.C.), da Tradição Borda Incisa, e a fase Guarita (Sec. IX d.C. - XVI d.C.), da Tradição Policroma da Amazônia.

Figura 13 - Urna Funerária Indígena retirada do Sítio Lages e Gravuras rupestres encontradas no sítio Ponta das Lajes



Fonte: Helena Lima, 2011.

A grande vazante ocorrida em 2010 evidenciou no sítio Ponta das Lajes, gravuras rupestres executadas sobre blocos de pedra cujos temas são na maioria, antropomorfos, isto é, desenhos de rostos humanos, datados aproximadamente entre 2.000 e 7.000 anos (Lima; Silva e Moraes, 2011). Além disso, é comum o aparecimento das terras pretas de índio que indicam as intervenções humanas nesses espaços. No mirante, é possível verificar estas terras que ficam expostas, nesse sentido se demonstra a necessidade de intervenções para resguardar o patrimônio cultural.

Para Neves (1966), os vestígios arqueológicos encontrados na Amazônia contribuem para desmistificar a ideia de “última fronteira” ou “natureza intocada”, pois evidenciam a densa ocupação de diferentes povos indígenas com suas respectivas culturas, antes da invasão dos europeus, indicando uma pré-história colonial.

No turismo, o patrimônio arqueológico se apresenta como um importante recurso, pois explicam aspectos da história e as formas como o homem se relacionou com o seu ambiente, resultando em um rico acervo para o desenvolvimento do etnoturismo.

Tendo em vista o seu elevado valor arqueológico, etnográfico e paisagístico, a área em torno do “Encontro das Águas” que inclui o mirante, foi oficialmente tombada em outubro do ano de 2010 como patrimônio histórico e paisagístico, através do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN/AM). Cabe salientar a importância da mobilização social no processo de tombamento, por meio do movimento “S.O.S. Encontro das Águas” que contou com a participação de estudiosos de diversas áreas do conhecimento, jornalistas, professores, escritores e, principalmente dos moradores do bairro Colônia Antônio Aleixo e suas respectivas comunidades.

Em 2008 foi cogitada a implementação de um porto na extensão do Mirante das Lajes, considerando os possíveis prejuízos sociais e ambientais que o projeto poderia causar o movimento S.O.S. Encontro das Águas, através de diversas ações, se mobilizou para pressionar a consolidação do tombamento.

Percebe-se, portanto que os elementos paisagísticos do entorno do mirante apresentam um significativo valor histórico-cultural, por isso se verifica a

necessidade de intervenções que viabilizem a proteção e o resguardo deste bem patrimonial em consonância com o uso adequado do espaço.

Dentro dessa perspectiva, o turismo pode servir como mecanismo de utilização apropriada, desde que as medidas tomadas levem em consideração as implicações ambientais que a atividade pode causar, e o propósito maior seja a valorização dos aspectos histórico-culturais do entorno do mirante das lajes, disponibilizando assim, especialmente para a população manauara, um espaço para além da prática do lazer, mas também de resgate dos valores culturais e históricos presentes na paisagem do entorno do Mirante das Lajes.

5.2 ESTUDO SOBRE O POTENCIAL DE ATRATIVIDADE DO MIRANTE DAS LAJES

O mirante das lajes, objeto em estudo nesta pesquisa, apresenta características de significativo interesse cultural, histórico e natural, porém ao se tratar da avaliação do potencial de atratividade são necessários que sejam avaliados outros itens que indiquem de forma mais concreta, o valor real para o desenvolvimento da atividade turística.

Assim, conforme o objetivo proposto nesta pesquisa se buscou realizar um estudo sobre o grau do potencial turístico do Mirante das Lajes, utilizando como base as orientações da metodologia de hierarquização do Mtur (2007), Órgão Nacional oficial do turismo no Brasil. Os itens avaliados foram o grau de potencialidade turística, grau de uso atual, a representatividade, o apoio comunitário, estado de conservação da paisagem, infraestrutura e as vias de acesso.

Conforme a metodologia seguida, o item potencialidade turística corresponde à avaliação das características do elemento e sua capacidade de despertar o interesse de turistas, estabelecendo-se um valor quantitativo que determina uma ordem de classificação e possibilita identificar os atrativos âncoras e os complementares.

Para Beni (2007), a avaliação possibilita constatar o valor intrínseco do recurso, obtendo-se um índice de qualidade comparável ou calculado em relação á

outros recursos de características semelhantes. Nesse sentido, se percebe que quanto mais singular for o atrativo, maior será sua capacidade de impulsionar o deslocamento dos turistas.

A partir dos dados coletados, verificou-se que a maior parte dos respondentes, isto é, 14 pessoas consideraram o Mirante das Lajes com alto grau de potencialidade turística, alcançando a hierarquia de nível 3, ou seja, como atrativo de características excepcionais e de grande interesse, podendo por si só atrair os turistas efetivos e potenciais, brasileiros e estrangeiros.

Para 6 participantes da pesquisa, o mirante apresenta o nível de hierarquia 2 (médio), com características significativas capazes de estimular em conjunto com outros atrativos, o deslocamento de turistas nacionais e internacionais. Apenas 4 formadores de opinião, identificaram o potencial de atratividade como nível de hierarquia 1 (baixo), isto é, para eles, o mirante, apresenta características expressivas que estimulam o fluxo de turistas regionais e locais. Com base na recomendação do Mtur (2007), ao fator potencialidade se aplicou o peso 2, assim, somando os valores discriminados nas respostas, o resultado obtido foi de 116 pontos.

Em relação ao grau de uso atual, não há o registro de dados oficiais que apresentem o fluxo de visitantes no mirante das lajes, por isso para tentar responder a este item, verificou-se junto aos representantes das associações de moradores do bairro Colônia Antônio Aleixo, através de entrevista e questionário, uma estimativa do uso deste espaço e o perfil de seus frequentadores, pois como moradores próximos e usuários, considerou-se que apresentam conhecimento de caso.

Para 4 dos cinco respondentes, o grau de uso do mirante é alto (nível 3), sendo que embora já tenham presenciado a visita de turistas estrangeiros e brasileiros, a maioria do público frequentador consiste em moradores dos bairros do entorno. Somente um dos representantes, classificou como fluxo de nível 2 (médio) e outro como insignificante (0).

Além disso, foram realizadas visitas *in loco* para observar a realidade do uso do espaço e possibilitar a esta pesquisadora uma análise para responder o fator em questão. Em uma das vistas, notou-se que o local estava sendo conservado por um casal de moradores próximos, que se propuseram a zelar pelo espaço, obtendo em

contrapartida um retorno financeiro no valor de 5 reais, cobrados para usufruir do mirante.

Perguntados sobre a frequência de visitantes, afirmaram que o grau de uso do espaço é alto (nível 3), principalmente nos fins de semana, chegando a uma estimativa de 3 mil pessoas, porém apesar de notarem constantes visitas de turistas, especialmente brasileiros, o perfil dos usuários é em sua maioria, moradores dos bairros próximos e das comunidades do entorno, careiro da Várzea e Catalão.

Perante a orientação do Mtur, o grau de uso atual do recurso ou atrativo, corresponde ao fluxo turístico efetivo e não de interesse turístico, portanto levando em consideração as informações levantadas por meio de questionário, entrevistas e pesquisa de campo, avalia-se o grau de uso atual, ou frequência turística efetiva, como baixo, isto é, com valor 1. Tal constatação pode se justificar no fato do desconhecimento da existência deste local, pela pouca ou quase nenhuma divulgação, como ainda pelas condições de acesso, fator que será mais bem discutido adiante.

Outro quesito avaliado se trata do grau de representatividade que é determinado pela singularidade do atrativo, ou seja, são levadas em consideração as características particulares, quanto menos similar a outros existentes, maior será a possibilidade de aproveitamento no turismo. Corroborando para este entendimento, Benevides (2003) destaca:

o que interessa ao fenômeno do turismo são os aspectos mais peculiares de cada lugar, é o caráter mais autêntico de sua gente, e seu cotidiano mais original, representado por toda sua gama simbólica, ainda que possa parecer estranho à estética da globalização.

Levando em consideração as características intrínsecas do Mirante das Lajes que se descortinam na paisagem cultural e natural do seu entorno, assim como no registro de eventos históricos, na percepção de 23 respondentes, o local, classifica-se na hierarquia de nível 3 (alto). Apenas um avaliador o considerou com nível baixo de representatividade. Desse modo, se verifica que na opinião dos avaliadores, o

mirante das lajes comparado a outros atrativos da cidade, se configura como elemento singular e raro, portanto com relevância significativa para uso turístico.

O turismo enquanto atividade organizada conduz um fluxo significativo de viajantes para determinado destino, produzindo impactos ambientais e sociais por meio da implementação de instalações e serviços necessários para seu desenvolvimento. A comunidade receptora, por sua vez, é a mais afetada pelas intervenções, já que é na localidade visitada que acontece a maior parte da atividade e a experiência turística se concretiza, por isso é fundamental saber como os moradores percebem o turismo na sua vida cotidiana, se o consideram como benéfico, se lhe traz uma melhor perspectiva de qualidade de vida, enfim, se realmente se trata de algo positivo para todos.

Segundo Irving (et. AL, 2005) a efetiva participação das comunidades locais no processo de planejamento e gestão da atividade turística, também é essencial porque a população residente é conhecedora da sua realidade imediata, sendo capaz de identificar problemas e necessidades, avaliar alternativas e sugerir caminhos que levem à melhoria da qualidade de vida, ao fortalecimento da cultura local e ao bem-estar social.

Assim, se entende que o posicionamento da comunidade anfitriã em relação à implantação da atividade turística e avaliação do interesse na turistificação dos elementos que dispõem algo esquecido por alguns técnicos e gestores, são cruciais quando se busca a garantia da sustentabilidade do turismo enquanto atividade econômica e social.

Dentro desse contexto, e conforme a metodologia adotada se buscou verificar o apoio e interesse da comunidade local no aproveitamento do Mirante das Lajes enquanto atrativo turístico como também, se reconhece a consolidação turística do mirante como benéfica e colaboradora para o desenvolvimento local.

Para tanto, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com perguntas abertas e fechadas e aplicação de questionário junto a representantes de cinco organizações comunitárias do bairro Colônia Antônio Aleixo: Associação dos Moradores e Amigos do Complexo Colônia Antônio Aleixo (AMACCAA), Centro Social e Educacional do Lago do Aleixo (CSELA), Espaço Cidadão de Arte e

Educação (ECAE), Movimento de Reintegração das Pessoas Atingidas pela Hanseníase (MOHAN), Clube de Mães Irmã Ruth Moura e Instituto Conquista.

Para cinco dos entrevistados, a comunidade local apoia de forma significativa à concretização do mirante como atrativo turístico local, pois poderia trazer benefícios no que se refere à geração de emprego e renda, proporcionar um espaço de cultura e lazer, melhorar a infraestrutura, contribuir para a valorização dos profissionais e artesãos comunitários, e trazer visibilidade para o bairro que se sente isolado do restante da cidade, há, por exemplo, somente duas linhas de ônibus que ligam o bairro ao centro da cidade.

Neste sentido é válido mencionar, que o isolamento do bairro Colônia Antônio Aleixo se trata de um fato histórico, pois seu surgimento se deu a partir de políticas públicas sanitaristas e higienistas iniciadas no período auge da comercialização da borracha. Nessa época, Manaus ganhou notoriedade como capital mundial do látex e sofreu um intenso processo de urbanização cujo objetivo era torna-la moderna e atraente para os possíveis investidores estrangeiros, quaisquer ameaças à imagem da cidade deveriam ser solucionadas. Assim, foram estabelecidos códigos de posturas rígidos que estabeleciam regras para o uso do espaço central (RIBEIRO, 2011).

Conforme Souza (apud Ribeiro, 2011) havia um esforço em retirar de circulação das ruas, os pedintes, e doentes leprosos cujas presenças comprometiam a boa impressão que se pretendia passar aos visitantes do exterior.

Segundo Ribeiro (2011) o primeiro lugar a abrigar os hansenianos foi uma chácara no antigo bairro da Cachoeira Grande onde os doentes deveriam ser tratados. O local estava sob a responsabilidade do hospital Santa Casa de Misericórdia, contudo perante a impossibilidade de manter os doentes, os mesmos foram transferidos para um lugar chamado Umirizal, situado nas proximidades do bairro São Raimundo.

Na década de 1940, após sucessivas mudanças de locais, incluindo a região de Paricatuba, os hansenianos foram alocados onde hoje se situa o bairro Colônia Antônio Aleixo, devido à distância do centro da cidade, o local satisfazia as autoridades e a população, pois não haveria possibilidade de contaminação da doença (RIBEIRO, 2011). Assim, verifica-se a importância de maior visibilidade e

integração que os comunitários apontam como aspectos positivos da consolidação do Mirante das Lajes como atrativo turístico.

Os representantes concordam que o mirante deve ser aproveitado no turismo, desde que sejam tomadas iniciativas de proteção e conservação do espaço, tendo em vista o valor cultural, natural e histórico da paisagem e do ambiente do entorno.

Notou-se que para os entrevistados, o Mirante das Lajes tem forte um valor afetivo e de pertencimento, pois faz parte de lembranças de atividades cotidianas realizadas naquele lugar. A seguir se destacou algumas falas que exemplificam a relação dos moradores com o Mirante das Lajes:

Eu conheço aquele lugar antes da torre da Embratel, a gente caçava lá, paca, cutia, tudo quanto era bicho. Eu andava por lá. A gente tomava banho [...] Lá tem uma parte que tem muita fera. Lá tem uma gruta que as pessoas e os bichos entram e somem, tem gente que acha que é a cobra grande.

Na visão de outra entrevistada:

Quem já visitou aquela área, a pessoa se debate com várias coisas que tem ali nos monumentos, naquelas pedras que o povo indígena deixou inscrito, desenhou e deixou lá. Isso daí pra nós é muito importante, que a gente sabe que ali teve uma reserva muito grande indígena, como aqui na nossa comunidade que a gente já tirou urna indígena.

Na fala da representante do Instituto Conquista, se percebe que a turistificação do mirante está relacionada com a proteção do local:

O mirante tem um valor que preço nenhum paga, porque faz parte da nossa comunidade apesar de ficar um pouquinho ali na estrada, ele faz parte da nossa comunidade. Ele tem um valor sentimental, de pertencimento, de posse nossa, pela história dele, pelas próprias urnas que ele tem. Por isso é importante pra nós ele virar esse atrativo.

Em 2010, foi cogitada a construção de um porto na região do Mirante das Lajes, a população por sua vez, se mobilizou e se posicionou contra esta intervenção, pois acreditou que os resultados iriam causar impactos substancialmente negativos em relação à flora, fauna e ao Rio, como também

poderia interferir na vida cotidiana dos comunitários, aumentando o tráfico de drogas e a exploração sexual infantil.

De acordo com os representantes das lideranças comunitárias, infelizmente, existe exploração sexual de crianças na região, devido à falta de comida, algumas delas descem à margem do rio e submetem a exploração para se alimentar, porém há relatos de crianças e adolescentes desaparecidas.

Nesse sentido, para os moradores locais a construção de um porto poderia intensificar o problema e também causar danos ao meio ambiente, interferindo principalmente na pesca de subsistência. Por isso, através do Movimento SOS Encontro das Águas, lutaram contra esta intervenção e, uma das pautas de reivindicação foi à permanência do mirante e sua utilização turística, pois acreditam que esta seria a alternativa mais viável.

É importante mencionar que em todas as entrevistas é frequentemente a menção comparativa entre os possíveis resultados da consolidação do mirante enquanto atrativo turístico e a construção do porto, como se observa na fala de um dos respondentes:

Enquanto o mirante traria pra nós como ponto turístico benefícios pra nossa comunidade, o porto não traria benefício algum. [...] Eles (apoiadores do porto) sempre dizem que a construção do porto traria desenvolvimento, mas isso não aconteceria, não geraria emprego. Pra nós não tem benefício algum, só deixaria lixo pra nós. Com a vinda desse porto só aumentaria os problemas que nós já temos. Aumentaria a prostituição infantil, o tráfico humano, de drogas. A nossa luta vai ser sempre pela permanência do mirante e jamais a construção de um porto. Porque até o Encontro das Águas perderia o valor [...] Poderia implantar o projeto do Niemayer. Dentro desse projeto seria a coisa mais maravilhosa, mas o porto, jamais. [...] a elite sempre vai olhar por ela, os empresários, por isso que nós temos que lutar por nós. Nós sabemos aonde dói, nós sabemos da nossa necessidade. Um porto não traria benefício, mas um atrativo, sim.

Para os moradores, a instituição do mirante como atrativo, seria positiva, mas, salientam que quaisquer interferências que comprometam a qualidade do rio e a configuração da paisagem, não são bem-vindas. Os mesmos consideram a construção de um museu como o projeto turístico mais viável e benéfico, porque se constituiria em um espaço educacional de valorização da cultura, e de lazer para os moradores. Quanto à utilização da praia como forma de lazer para os turistas, há

certa ressalva. Para os representantes do MOHAN, o balneário deveria ser construído em outra parte para não comprometer os artefatos arqueológicos.

Os representantes defendem a ligação do Mirante das Lajes com o bairro Colônia Antônio Aleixo, em razão de existirem outros elementos na comunidade, passíveis de utilização turística como o Lago do Aleixo, a orla, os pavilhões do antigo leprosário, e o artesanato, trazendo recursos financeiros e melhorias na infraestrutura, na fala de uma das lideranças entrevistadas:

Pessoas da nossa comunidade que trabalham com alimentos e artesanatos seriam beneficiadas. E cada vez que alguém chegasse pra ver o mirante, eles chegariam até a Colônia. Tenho certeza que cada vez que as pessoas visitassem o mirante, elas também entrariam na nossa comunidade, pela nossa história. E cada vez que eles entrassem, deixariam recursos dentro da nossa comunidade contribuindo para o desenvolvimento dela.

Percebe-se que os comunitários são atuantes, o Instituto Conquista desenvolveu um projeto de um banco comunitário que busca ampliar e fortalecer o comércio local, através de empréstimos e subsídios com a moeda social para pequenos empreendedores que não tem acesso aos bancos tradicionais. Além disso, o morador que usa a moeda social nos comércios locais recebe descontos.

A moeda social da comunidade Colônia Antônio Aleixo é denominada “liberdade”. Cada valor apresenta em sua composição gráfica, a imagem de elementos representativos para a Comunidade: Encontro das Águas, Lago do Aleixo, o Pavilhão que hoje abriga o Hospital local e a Caixa D’água do bairro, como se pode visualizar nana figura a seguir:

Figura 14 - Moeda Social do Bairro Colônia Antônio Aleixo



Fonte: A Autora, 2017

Diante da coleta de dados, o grau de apoio comunitário pode ser avaliado como nível de hierarquia 3 (alto), atingindo 16 pontos. Portanto, este fator analisado se apresenta como aspecto favorável para a turistificação do mirante, pois como declara Teixeira (1999, p.99) “a indisponibilidade comunitária com relação ao turismo ou a inadequação dos atrativos locais ao conceito de produto oferecido comprometerão seriamente qualquer tentativa de exploração turística”.

O estado de conservação da paisagem circundante corresponde a uma análise da ambiência do atrativo e sua qualidade, quanto mais bem conservado, mais importante será para o uso turístico. Dessa forma a qualidade da paisagem do entorno dependerá do estado dos elementos que a compõem, os quais serão determinantes para identificar a qualidade do cenário paisagístico como um todo. A análise permite ainda averiguar se o atrativo está em situação de degradação, servindo como subsídio para intervenções corretivas e de melhoramentos.

A paisagem do Mirante das Lajes inclui o encontro das águas, a praia, uma área composta por pedras, e a flor do entorno. Verificou-se que não há um limite estabelecido de quantidade de visitação permitida para usufruir do mirante ou da praia, nem ainda um estudo de capacidade de carga. A  rea constituída de pedras

onde foram identificadas as gravuras rupestres encontra-se exposta na época de seca.

É possível visualizar lixo espalhado e alguns pontos em que se acumula, no mirante, e principalmente na praia. Verificou-se que embora haja um esforço do casal zelador em manter o local, percebe-se que a área de mata avança sobre a estrutura. Ainda se podem verificar as instalações da Embratel que se encontram abandonadas conforme se observa na figura abaixo:

Figura 15 - Torre da Embratel



Fonte: A Autora, 2017.

A partir da análise das fotografias registradas na pesquisa de campo na percepção da maioria dos avaliadores, ou seja, 14 participantes do estudo, a paisagem circundante do Mirante das lajes se encontra em estado péssimo de conservação, atingindo nenhum nível de hierarquia. Apenas sete consideram a conservação como regular, nível 1, e três pessoas como bom (nível 2), assim a pontuação final consistiu em 13 pontos.

A dimensão da infraestrutura analisa a existência e estado da infraestrutura instalada como: estrutura física, banheiros, sinalização informativa e turística,

adaptações para o acesso de pessoas com mobilidade limitada e equipamentos de segurança.

Na visita de campo, observou-se que o Mirante se trata de uma estrutura em concreto com uma cerca que permite visualizar a paisagem, há também uma escadaria incompleta, praticamente coberta de mato, que leva até a praia, mas não há banheiros, serviço de alimentação ou equipamentos de segurança. O piso do mirante está se degradando aos poucos, sendo possível visualizar a estrutura original em barro.

Figura 16 - Infraestrutura do Mirante das Lajes



Fonte: Aline Nobre

Figura 17 - Piso da estrutura do Mirante das Lajes



Fonte: A Autora, 2017.

A praia por sua vez não dispõe do serviço de guarda-vidas, não há limite de proteção de área para banho ou nado. A alimentação fica por conta dos frequentadores que usam a área para preparar sua comida ou a trazem de suas próprias residências, mas há também pessoas que comercializam alimento como frutas e guloseimas, em barracas desmontáveis ou nas rabetas, não se verificaram a presença de agentes de limpeza pública. No que se refere a segurança pública, não se verificou policiamento para realizar a proteção da integridade física dos frequentadores.

Figura 18 - Escadaria de Acesso à praia



Fonte: A Autora, 2017.

Quanto a este item infraestrutura, 11 dos respondentes consideram com existente, mas necessitando de melhorias, isto é, para os mesmos o mirante encontra-se na hierarquia de nível médio (2), enquanto que para nove pessoas a infraestrutura é inexistente (nenhum nível de hierarquia) e quatro classificaram essa dimensão como em condição precária, hierarquia de nível baixo, resultando em 26 pontos.

O acesso dos atrativos corresponde à análise da existência ou não dos meios de acesso e suas condições. Tais aspectos podem facilitar ou dificultar o usufruto do atrativo, influenciando diretamente a percepção e escolha do turista. Por essa perspectiva, entende-se que um atrativo turístico, pode ter sua utilização inviabilizada pela precariedade de acesso. Quanto mais acessível um atrativo, maior a probabilidade de integração aos roteiros turísticos.

Em se tratando do Mirante das Lajes, o acesso pode ocorrer por via fluvial, através de embarcações que fazem o trajeto até o local, ou ainda, por via terrestre, porém não há linhas de ônibus que levem diretamente ao mirante. O ponto de ônibus mais próximo está situado na Rua Desembargador César do Rego, onde a linha 085 faz parada, depois é preciso seguir caminhando aproximadamente 1 km até chegar ao local, conforme as informações do *google maps*, e como se observa na imagem abaixo:

Figura 19 - Ponto de Ônibus mais próximo do Mirante das Lajes



Fonte: Google Maps, 2019

No caso de visitantes que optem por utilizar transporte particular por via terrestre, o *google maps*, fornece algumas opções de rotas com ponto de partida na Avenida Floriano Peixoto – Centro da Cidade. Para a coleta de dados desta pesquisa foi escolhido o seguinte trajeto: Av. Floriano Peixoto, Av. Sete de Setembro, Av. Silves, Av. Gen. Rodrigo Otávio, Av. Cosme Ferreira, Estrada do Aleixo - Av Desembargador Anísio Jobim. A Duração aproximada do percurso foi de 35 minutos. A rota pode ser acessada através do link: <http://bit.do/mirantedaslajes>.

As vias de acesso até a Estrada do Aleixo apresentam sinalização de trânsito e se encontram asfaltadas, mas com algumas pequenas deteriorações. A partir da estrada, já se nota a diferença, pois o asfalto aos poucos expõe os seus problemas de nivelamento, com a incidência de buracos, dos quais é necessário desviar.

Figura 20 - Vias de Acesso - Av. Cosme Ferreira e Estrada do Aleixo respectivamente



Fonte: A Autora, 2017.

Adiante, nas proximidades do Mirante das Lajes, a Avenida Desembargador Anísio Jobim apresenta uma extensão de estrada em barro e areia, com deteriorações mais profundas, exigindo atenção dobrada e diminuição significativa da velocidade do automóvel, além disso, o mato avança sobre a avenida, e se visualiza caminhões e automóveis velhos enfileirados e abandonados.

Figura 21 - Avenida Desembargador Anísio Jobim - Trecho 1



Fonte: A Autora, 2017.

Não há sinalização de trânsito ou de orientação turística nesta parte da via de acesso, e a única placa que indica a existência do mirante aparece apenas na bifurcação da Estrada do Aleixo que divide a rua que dá acesso ao Instituto e Reserva Florestal Soka Gakai e a avenida que leva ao mirante.

Por via fluvial, a partir do Porto à Jato no centro da cidade (Av. Manaus Moderna) é possível usar o serviço de lanchas que levam diretamente ao mirante. O passeio individual custa 150 reais e em grupo de 10 pessoas, cada uma paga 50 reais, podendo permanecer no local até por 1 hora.

Figura 22 - Terminal Ajato em Manaus



Fonte: Google Maps, 2019

Considerando as informações sobre as vias de acesso, para a maioria dos respondentes, isto é, 17 avaliadores, essa dimensão se classifica como hierarquia de nível 2 (médio), existente, mas necessitando de melhorias e intervenções, apenas 7 pessoas, julgaram o estado das vias de acesso como precário, equivalente a hierarquia de nível 1 (baixo). Assim a pontuação final consistiu em 41 pontos.

A hierarquização do Mirante das Lajes através da avaliação de suas particularidades no que se refere aos fatores analisados na metodologia adotada possibilitou constatar um cenário geral, permitindo apontar os aspectos positivos e limitantes que influenciam no grau de atratividade e aproveitamento turístico. A soma das avaliações resultou no quadro abaixo que expressa à pontuação final de cada fator analisado:

Quadro 3 - Hierarquização final do Mirante das Lajes

Hierarquização Final do Mirante das Lajes							
Potencial de atratividade (valor com peso 2)	Grau de uso atual	Representatividade e (valor com peso2)	Apoio local e comunitário	Estado de conservação da paisagem circundante	Infraestrutura	Acesso	Total
116	1	140	18	13	26	41	355

Fonte: Elaboração pela autora, 2017.

Para se alcançar o resultado apresentado no quadro 3, cada avaliador atribuiu uma nota de acordo com item analisado seguindo as orientações da metodologia de

hierarquização de atrativos do Ministério do Turismo, assim foi realizada a somatória dos valores atribuídos por todos os avaliadores, atingindo os dados expressos no quadro acima.

A partir da avaliação quantitativa se percebe que os fatores considerados de nível alto compreendem: o grau de potencialidade turística, isto é, a capacidade do atrativo em promover o deslocamento de turistas estrangeiros e brasileiros, e o grau de representatividade, em que as características particulares e o valor intrínseco são levados em consideração.

Contudo, quando se trata dos elementos que de fato indicam a situação vigente do mirante e o seu real aproveitamento turístico, nota-se que a infraestrutura, as vias de acesso e o estado de conservação necessitam de melhorias substanciais. Tal constatação pode indicar o fato do local apresentar um baixo fluxo de turistas, sendo mais frequentado por moradores dos bairros próximos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o encerramento desta pesquisa, percebe-se como principal ponto positivo o alcance dos objetivos propostos que consistiu na caracterização da paisagem do entorno do objeto analisado e um estudo da potencialidade turística do mirante. Por meio do estudo realizado, constatou-se que a paisagem circundante do Mirante das Lajes apresenta aspectos culturais e naturais importantes para a compreensão da história local, sendo necessárias medidas que contribuam para a proteção e uso adequado deste espaço.

Pode-se inferir que a paisagem do Mirante das Lajes apresenta uma síntese do que a cidade apresenta em termos de características locais, acolhendo em um só ponto aspectos da natureza, da história e cultura, demonstradas a partir da ocorrência dos sítios arqueológicos, os registros históricos e mitológicos e os elementos naturais do seu entorno, especialmente o “Encontro das Águas” que se constitui em um atrativo turístico consolidado da cidade.

O próprio caminho que leva ao Mirante das Lajes contribui para formação da imagem do destino enquanto cidade localizada em plena floresta amazônica. Os edifícios, o comércio, a indústria, as avenidas, o movimento da vida cotidiana, exprimem os caracteres da urbe, no Mirante, as árvores e seus frutos, as ilhas, a praia, os pássaros, e o encontro dos rios Negro e Solimões denotam o fator natural.

Tais aspectos paisagísticos se apresentam como fatores diferenciais, comparados, por exemplo, à Torre de observação do Museu da Amazônia, pois o elemento principal de visualização é o fator natural, enquanto que o Mirante das Lajes reúne em sua composição paisagística além do fator natural, aspectos históricos e culturais.

Contudo, o estudo de potencialidade turística permitiu constatar que apesar do Mirante das Lajes apresentar características particulares interessantes para o aproveitamento turístico, configura-se ainda como um recurso turístico, podendo se tornar um atrativo efetivo, a partir de investimentos substanciais em termos de infraestrutura, instalação de equipamentos de apoio, como restaurantes, sinalização turística urbana, segurança, melhorias nas vias e meios de acesso, como ainda é preciso à revitalização do local e da praia com a implantação de uma estrutura

arquitetônica que enalteça a sua condição enquanto local de apreciação da paisagem.

Como as pospostas de projetos turísticos para essa área – que seriam o Memorial Encontro das Águas e complexo turístico Ponta Branca – foram inviabilizadas pela falta de verbas, desde então o local tem sido negligenciado por parte do poder público. Essa ausência do poder público, em relação à responsabilidade de conservar o espaço e propiciar o seu uso adequado, por meio de políticas, projetos e gestão eficaz, finda se refletindo na iniciativa dos próprios frequentadores em subsidiar a manutenção do lugar.

Estes, no entanto, não têm como suprir todo o aparato necessário para essa manutenção, sendo necessária a ação do poder público não só em questões de infraestrutura, mas na própria capacitação e sensibilização da comunidade de modo a estarem preparados para a demanda e os impactos causados pela atividade, conseguindo trabalhar para minimizá-los.

Por enquanto, o fato de não haver infraestrutura e planejamento adequados, não tem impedido que o local recebesse visitantes, mas esse fluxo pode ser prejudicial ao patrimônio, pondo em risco os elementos da paisagem. Nesse sentido, a estruturação do local como atrativo turístico com o mirante poderia auxiliar na sustentabilidade do espaço, contribuindo assim para desenvolvimento de uma região da cidade que de modo geral carece de atenção do poder público. Dessa forma, haveria ainda um esforço na descentralização dos atrativos turísticos da capital, oferecendo-se assim mais opções para aumentar o tempo de permanência do turista.

Com essas reflexões, verifica-se que o Mirante das Lajes apresenta atributos naturais, culturais e históricos relevantes para o turismo, mas principalmente para a sociedade manauara que através do uso adequado desse espaço pode se apropriar do conhecimento disponível desses elementos paisagísticos e históricos, contribuindo não apenas para o lazer como também para o fortalecimento da identidade local. Como sugestão para futuras pesquisas, menciona-se a relevância de um estudo voltado para analisar as propostas de projetos turísticos relacionados ao Mirante das Lajes, como também sobre a possibilidade do desenvolvimento do turismo comunitário no bairro Colônia Antônio Aleixo, tendo em vista os espaços e

aspectos culturais e históricos que apresenta: Lago do Aleixo, pavilhões do antigo Leprosário, artesanato, Cemitério próprio que tem como regra atender apenas moradores da comunidade, artefatos arqueológicos. Os desafios encontrados neste estudo ocorreram na realização da pesquisa de campo, em que se tiveram dificuldades para chegar ao mirante, devido à ausência de transporte público e condições das vias de acesso e, ainda a ausência de segurança pública. No que se refere ao questionário, obteve-se pouco retorno quantitativo, pelo fato da desatualização dos dados dos agentes do turismo inseridos no CADASTUR.

Assim, espera-se que a presente pesquisa possa contribuir para colocar em evidência o Mirante das Lajes no cenário turístico da cidade de Manaus, a partir de uma análise do cenário paisagístico e do seu potencial de atratividade turística que se demonstrou em nível alto, apontando fatores que necessitam de melhorias para que de fato possa vir a se tornar um atrativo consolidado da cidade.

REFERÊNCIAS

AB'SABER, Aziz Nacib. **Os Domínios de Natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

ANSARAH, Marília Gomes dos Reis. **Turismo: como aprender, como ensinar**. 3. ed. São Paulo: SENAC-SP, 2001.

BANDEIRA, Marina. **Análise de dados, cronograma, orçamento, pertinência, considerações éticas**. Disponível em <<https://ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/lapsam/Texto-10--ANALISE%20DE%20DADOS.pdf>> Acesso em 15 de abril de 2019.

BARRETTO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. 20.ed. São Paulo: Papirus, 2012.

BENEVIDES, Ireleno Porto. **O Turismo e seu planejamento governamental no Ceará**. In Luzia Neide M. T. Coriolano (org). O Turismo de inclusão e o desenvolvimento local. Fortaleza: FUNECE, 2003.

BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo**. 12. ed.; São Paulo: SENAC, 2007.p.179-182.

BERQUE, Augustin. **Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural**. In: CORREA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Leny (org.). Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: Editora da VERI, 1998. p. 84- 91.

BOULLÓN, Roberto. **Planejamento do espaço turístico**. Bauru-SP: Edusc, 2002.

BRAGA, Debora Cordeiro. **Planejamento Turístico: Teoria e prática**.2. Reimpressão. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

BRASIL, Ministério do Turismo. **Módulo Operacional 7: Roteirização Turística**. Brasília, 2007.

BRUNO, Joana Sarmet Cunha. **O Museu de Arte Contemporânea de Niterói, RJ: uma estratégia de promoção da imagem da cidade**. R. B. ESTUDOS URBANOS E REGIONAIS, V.4, N.1/2 – MAIO/ NOVEMBRO, 2002. Acesso em 19 de maio de 2019.

COOPER, C.; FLETCHER, J.; WANHILL, S.; GILBERT, D.; SHEPHERD, R. **Turismo: princípios e práticas**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny, (orgs.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998.

CORIOLANO, Luzia Neide Menezes Teixeira. **O Turismo nos Discursos, na Política e no Combate à pobreza**. São Paulo: Annablume, 2006.

COSTA NETO, P. L. O. **Estatística**. São Paulo: Edgard Blücher, 1977.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano**. 3 ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1998.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. **Planejamento governamental do turismo: convergências e contradições na produção do espaço**. En publicación: América Latina: cidade, campo e turismo. Amalia Inés Geraiges de Lemos, Mónica Arroyo, María Laura Silveira. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, San Pablo. Diciembre 2006. Disponível em <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/edicion/lemos/19cruz.pdf>> Acesso em 24 de maio de 2016.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. **Introdução à geografia do turismo**. 2. ed. São Paulo: Roca, 2003.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. **As paisagens artificiais criadas pelo turismo** – in: Turismo e Paisagem – São Paulo: Contexto, 2002.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em turismo**. 5. ed. 4. Reimpressão. São Paulo: Futura, 2001.

DHEIN, Cíntia Elisa. **A interpretação patrimonial da imigração Alemã para o turismo na Rota Romântica RS/BR**. 176f. 2012. Dissertação de mestrado em turismo. (Universidade de Caxias do Sul – UCS). Caxias do Sul, RS: UCS, 2012.

FERNANDES, Ivan Pereira. **Planejamento e organização do turismo: Uma abordagem desenvolvimentista com responsabilidade ambiental**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

FRANZINELLI, Helena; IGREJA, Hailton. **Ponta das Lajes e o Encontro das Águas: A Formação Alter do Chão como moldura geológica do espetacular Encontro das Águas Manauara.** Disponível em <<http://sigep.cprm.gov.br/sitio054/sitio054.pdf>> Acesso em: 04 de dezembro de 2014.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Rio de Janeiro, a Cidade dos Múltiplos Mirantes.** Espaço Aberto, PPGG - UFRJ, V. 5, N.2, p. 9-26, 2015. Disponível em <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistageografia/article/view/229162/23563>> Acesso em 13 de maio 2016.

GUERRA, Eliane Linhares de Assis. **Manual de pesquisa qualitativa.** Belo Horizonte, MG: Anima Educação, 2014. Disponível em <http://disciplinas.nucleoad.com.br/pdf/anima_tcc/gerais/manuais/manual_quali.pdf> Acesso em 15 de abril de 2019.

IGNARRA, Luiz Renato. **Fundamentos do turismo.** 2. ed. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2003.

IPHAN – **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.** Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarDetalheConteudo.do?id=15685&sigla=Noticia&retorno=detalheNoticia>> Acesso em 03 de dezembro de 2014.

IRVING, Marta de Azevedo; MENDONÇA, Teresa Cristina de Mendonça. **Turismo de Base Comunitária: a participação como prática no desenvolvimento de projetos no Brasil – Prainha do Canto Verde, Beberibe (CE).** I Caderno Virtual de Turismo, v. 4, n. 4, 2004.

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa.** 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

KRIPPERDORFF, Jost. **Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens.** 3. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica/** Eva Maria Lakatos, Marina de Andrade Marconi. – 4. ed. rev. e ampl. – São Paulo: Atlas, 2001.

LIMA, Helena; MORAES, Bruno Marcos; SILVA, Carlos Augusto. **Sítios do Encontro: Arqueologia do entorno do Encontro das Águas.** Disponível em <<http://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/somanlu/article/view/525>> Acesso em 05 de dezembro de 2014.

LIMA FILHO, Luiz Medeiros de Araujo. **Amostragem**. João Pessoa: UFPB, 2018. Disponível em <<http://www.de.ufpb.br/~luiz/Adm/Aula9.pdf>> Acesso em: 15 de abril de 2019.

MAGALHÃES, Cláudia Freitas. **Diretrizes para o Turismo Sustentável em Municípios**. São Paulo: Roca, 2002.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação Científica: A prática de fichamentos, resumos e resenhas**. 11. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **A paisagem como fato cultural**. In: YÁZIGI, Eduardo (org.). Turismo e paisagem. São Paulo: Contexto, 2002, p. 29-64.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil. Cadernos de Turismo. Módulo Operacional 7 – Roteirização Turística**. Brasília: Ministério do Turismo, 2007.

_____. **Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil. Inventariação Inventário da Oferta Turística**. Brasília: Ministério do Turismo, 2007.

NEVES, Auriclea Oliveira das. **A nomeação do espaço na descoberta do rio das amazonas**. Revista Eletrônica Contra Corrente, 2010. Disponível em <<http://periodicos.uea.edu.br/index.php/contracorrente/article/view/202/218>> Acesso em 04 de dezembro de 2014.

NEVES, Eduardo Góes. **Arqueologia da Amazônia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO (OMT). **Introdução ao turismo**. Trad. Dolores M. R. Corner. São Paulo: Roca, 2007.

PAIVA, Manoel Rodrigues. **Matemática: conceitos, linguagens e aplicações**. 1. Ed. São Paulo: Moderna, 2002.

RIBEIRO, Maria Nazaré de Souza. **De leprosário a bairro: reprodução em espaços de segregação na Colônia Antônio Aleixo (Manaus/Am)**. 2011 283 fl. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011. Disponível em <[file:///C:/Users/Ariomar/Downloads/2011_MariadeNazaredeSouzaRibeiro%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Ariomar/Downloads/2011_MariadeNazaredeSouzaRibeiro%20(1).pdf)> Acesso em 24 de maio de 2019.

RUSCHMANN, Dóris van de Meene. **Turismo e Planejamento Sustentável: A Proteção do Meio Ambiente**. Campinas, SP: Papyrus, 1997.

URRY, John. **O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: Estúdio Nobel: SESC, 2001.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado, fundamentos Teórico e metodológico da geografia**. Hucitec. São Paulo, 1988.

SILVA, Kátia.T.P; RAMIRO, Rodrigo C.; TEIXEIRA, Breno S. **Fomento ao turismo de base comunitária: a experiência do Ministério do Turismo**. IN: BARTHOLO, R.; SAN SOLO, D. G.; BURSZTYN, I. (Coord.). Turismo de base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.

TOCANTINS, Leandro. **O Rio comanda a vida: uma interpretação da Amazônia**. 7ª. Ed. ver. E aum. Rio de Janeiro: J. Olympio: Manaus: SUFRAMA, 1983.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **Turismo e qualidade: tendências contemporâneas**. 4 ed. Campinas: Papyrus, 1999.

VASCONCELOS, Jéssica. **Projeto do Memorial Encontro das Águas volta para a 'gaveta'**. A Crítica, 2013. Jul. 07. Disponível em <<http://www.acritica.com/channels/manaus/news/projeto-das-aguas-volta-pa-a-gaveta>> Acesso em 08 de dezembro 2014.

YÁZIGI, Eduardo. **A importância da paisagem**. IN: YÁZIGI, E (Org.). Turismo e paisagem. São Paulo: Contexto, 2002.

Sites consultados:

GRAND CANYON. Disponível em <<https://grandcanyon.com/planning/grand-canyon-west-canyon-planning/>> Acesso em 19 de maio de 2019.

TURISMO SEBRAE. Disponível em <<http://bit.do/turismosebrae/>> Acesso em 25 de maio de 2016.

TOURE EIFFEL. Disponível em <<https://www.toureffel.paris/es/descubrir/>> Acesso em 19 de maio de 2019.

ROTEIRO TEMÁTICO, 2012. **Mirante Vistas**. Disponível em <<http://cidadedesaopaulo.com/v2/wp-content/uploads/2017/04/Vistas.pdf>> Acesso em 14 de maio de 2019.

MUSA. **Museu da Amazônia**. Disponível em <<http://museudaamazonia.org.br/>> Acesso em 19 de maio de 2019.

CULTURA NITEROI. Disponível em <<http://culturanageroi.com.br/macniteroi/exposicoes/>> Acesso em 19 de maio de 2019.

RIO TUR. **Museu de Arte Contemporânea**. Disponível em <http://visit.rio/que_fazer/museu-de-arte-contemporanea-mac-2/> Acesso em 19 de maio de 2019.

ENCONTRO DAS AGUAS. Disponível em <https://www.youtube.com/results?search_query=encontro+das+aguas+nova+amazonia> Acesso em 21 de abril de 2019.